



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTORIA**

**JOAQUIM LUCAS MACIEL GONÇALVES**

**O ESPETÁCULO DO TERROR: APOTEOSE REVOLUCIONÁRIA NO NACIONAL-  
SOCIALISMO (1925-1939)**

Cajazeiras-PB

2019.

**JOAQUIM LUCAS MACIEL GONÇALVES**

**O ESPETÁCULO DO TERROR: APOTEOSE REVOLUCIONÁRIA NO NACIONAL-SOCIALISMO (1925-1939)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

**Orientador:** Prof. Ms. Rubismar Marques Galvão

Cajazeiras-PB

2019.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

G635e Gonçalves, Joaquim Lucas Maciel.

O espetáculo do terror: apoteose revolucionária no Nacional Socialismo (1925-1939) / Joaquim Lucas Maciel Gonçalves. - Cajazeiras, 2019.

60f.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Me. Rubismar Marques Galvão.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2019.

1. Política - história. 2. Nacional-socialismo. 3. Revolução. 4.

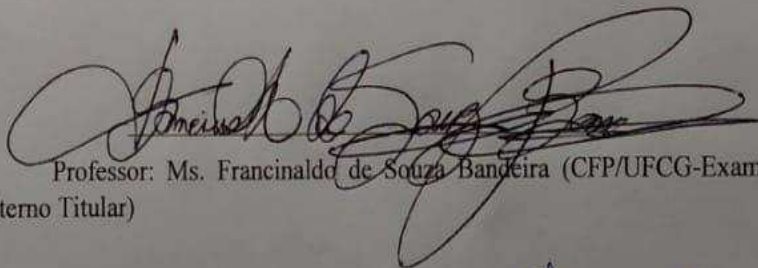
O espetáculo do terror: apoteose revolucionária no Nacional-socialismo (1925-1939)

Aprovado em: 29 / 11 / 2019

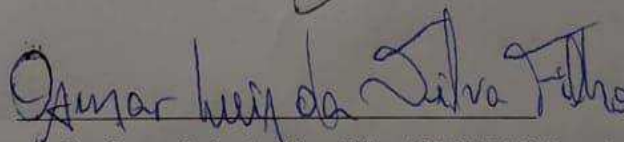
**Banca Examinadora**



Professor: Ms. Rubismar Marques Galvão (CFP/UFCG-Orientador)



Professor: Ms. Francinaldo de Souza Bandeira (CFP/UFCG-Examinador Interno Titular)



Professor: Dr. Osmar Luiz da Silva Filho (CFP/UFCG-Examinador Interno Titular)

Professor: Dr. Francisco Firmino Sales Neto (CFP/UFCG-Examinador Suplente)

CAJAZEIRAS-PB

2019

## **AGRADECIMENTOS:**

A Deus, que do seu alto e sublime trono concedeu-me a graça necessária para seguir até o fim do curso apesar dos percalços.

A minha amada noiva, que foi minha ajudadora fiel em todo esse caminho e sem o qual eu não estaria aqui.

A minha mãe que me presenteou com significativa parte dos livros que compõem a bibliografia deste trabalho e também por sua insistência em fazer-me continuar até o seu desfecho.

Ao meu querido amigo Fernando, que em inúmeras conversas me fez ver a necessidade e importância de se fazer um trabalho que fugisse ao lugar-comum tão habituado das monografias universitárias.

Por fim, ao meu orientador Rubismar Galvão, por se dispor a encarar a orientação de um trabalho que ninguém mais se proporia a fazer e por acreditar na minha capacidade em fazê-lo.

*Quem for muito sensível, por forte que  
seja para suportar nossa época, afaste-se  
deste espetáculo.*

(Karl Kraus)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o movimento Nacional-Socialista e sua apoteose revolucionária. A escolha desse tema surgiu a partir da necessidade de compreender a classificação do nazismo quanto a ser de direita, esquerda ou ainda uma terceira via. Para tanto, foi utilizado o método de análise documental no trato com as fontes, que foram constituídas por documentos disponíveis na página de internet *German Propaganda Archive*, da instituição Calvin University. No campo teórico, a vertente escolhida para dar prosseguimento nesta pesquisa foi a história política. Além disso, esse trabalho fundamentou-se, também, em obras importantes que tratam sobre o tema, escritas por autores como a filósofa e cientista política Hannah Arendt e Karl Mannheim, além de outros que complementaram a discussão. Quanto a temporalidade, a pesquisa deteve-se ao intervalo compreendido entre os anos 1925 e 1938, no espaço que corresponde à Alemanha. Desse modo, a fim de exibir uma narrativa inusitada, diante do cenário de discussões atuais, o nazismo foi trabalhado sob a ótica de um movimento revolucionário que desestruturou a sociedade tradicional alemã e a reconstruiu como uma nova civilização, pautada na cosmovisão nazista, a partir de uma verdadeira deificação da sua revolução, assim como um princípio de coletivismo e culto à personalidade.

**Palavras-chave:** Revolução; Apoteose; Totalitarismo; Nacional-socialismo.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the National Socialism movement and its revolutionary apotheosis. The theme selection arose from the necessity to understand the classification of Nazism as being a right-wing, left-wing, or even another type of political movement. For this purpose, the document analysis method was utilized when dealing with the sources, which consisted of documents available on the German Propaganda Archive website, of the Calvin University institution. In the theoretical field, the chosen aspect to continue this research was political history. In addition, this work was also based on important books that deals with the subject of study, written by authors such as philosopher and political scientist Hannah Arendt and Karl Mannheim, as well as others that complemented the discussion. As for temporality, the research was limited to the interval between 1925 and 1938, in the space that corresponds to Germany. Therefore, in order to show an unusual narrative, in face of the current scenario of discussion, Nazism was worked from a perspective of a revolutionary movement that disrupted traditional German society and rebuilt it as a new civilization, based on the Nazi worldview, from a true deification of his revolution, as well as principles of collectivism and cult of personality.

**Keywords:** Revolution. Apotheosis. Totalitarianism. National Socialism.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. CAPÍTULO I – A DESESTRUTURAÇÃO SOCIAL ALEMÃ PELA REVOLUÇÃO NACIONAL-SOCIALISTA .....</b>	<b>14</b>
2.1 Propaganda totalitária.....	16
2.2 Corrupção da linguagem.....	23
<b>3. CAPÍTULO II – REVOLUÇÃO E A CONSTRUÇÃO DO ESTADO TOTALITÁRIO .....</b>	<b>29</b>
3.1 Revolução interna.....	30
3.2 Instituinto novos valores .....	32
<b>4. CAPÍTULO III - OS PRINCIPAIS FUNDAMENTOS EM QUE CONSISTE A APOTEOSE NAZISTA. ....</b>	<b>44</b>
4.1 Cientificismo .....	47
4.2 Culto à personalidade .....	50
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>57</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A Europa, entre os anos de 1914-1918, viu-se arrastada para o maior conflito armado do mundo até então, a Grande Guerra (Primeira Guerra Mundial). Esse sangrento conflito, marcou o estágio inicial de uma instabilidade enorme quanto à ordem política Europeia. Era o início de um embate de concepções de mundo. Por um lado, nações mais estáveis e tradicionais representadas pela Inglaterra e França, e por outro lado, uma jovem potência industrial e estatista representando o ímpeto da revolução modernista:

A Alemanha, cuja unificação só ocorreu em 1871 e que no espaço de uma geração se tornara uma temível potência militar e industrial, era, às vésperas da guerra, a representante mais avançada da inovação e da renovação. Apresentava-se, entre as nações, como a própria encarnação do vitalismo e do brilho técnico. Para ela, a guerra devia ser uma guerra de libertação, uma Befreiungskrieg, da hipocrisia das formas e conveniências burguesas, e a Grã-Bretanha pareciam a principal representante da ordem contra a qual se rebelava. A grã-bretanha constituía, de fato, a principal potência conservadora do mundo do fin-de-siècle. Primeira nação industrial, agente da pax Britannica, símbolo de uma ética da iniciativa e do progresso baseada no parlamento e na lei, a Grã-Bretanha sentia que não apenas a sua primazia no mundo, mas todo o seu modo de vida estava ameaçado pela avassaladora energia e instabilidade que a Alemanha parecia tipificar (EKSTEINS, 1989, p. 13-14).

Dessa forma a guerra marcava no seio do pensamento europeu, essa dicotomia que não se limitava apenas ao embate cosmogônico, mas pelo próprio poder de redenção da ordem vigente. Essa remissão se daria pela tomada do poder e controle europeu por uma nação poderosa, uma vanguarda que guiaria os novos rumos da existência por meio da atividade revolucionária por parte dos povos germânicos que achavam estar no topo dos rumos históricos, uma vez que:

Desejava reorganizar revolucionariamente a Europa central, para que os alemães da Áustria, juntamente com os alemães da Alemanha, mutuamente fortalecidos, se tornassem o povo governante, do qual todos os outros povos seriam dependentes, mantidos na mesma espécie de semisservidão em que viviam as nacionalidades eslavas na Áustria (ARENDETT, 2012, p. 81).

Esse ímpeto, no entanto, viu-se frustrado pela derrota das forças modernistas alemãs na guerra. Logo após o "trauma da derrota militar em 1918, o radicalismo na Alemanha, ao invés de se atenuar, se acentuou" (EKSTEINS, 1989, p.14) constituindo-se em uma mágoa que se levaria até o momento de sua extirpação. Alguns anos depois, essa atitude de rebelião

se manifestaria novamente na forma de um radicalismo salvador. Primeiro na Itália, com o surgimento do Fascismo, e este, por sua vez, como representante de uma esperança para seus respectivos povos (FURET, 1995, pág.15) e em seguida, na Alemanha, com a tentativa de conciliar o socialismo - degradado e envergonhado por sua inépcia quanto à capacidade de explicar e superar o fator nacionalista da classe operária, na Primeira guerra mundial - com o próprio nacionalismo. (FEST, 2017, pág. 125).

Essa recapitulação da união de vertentes completamente opostas à ordem vigente, fez surgir em 05 de janeiro de 1919, o DAP (Partido dos Trabalhadores Alemães) (FEST, 2017, pág. 124) como a máxima forma de exprimir a rebelião contra a sociedade democrática e conservadora, pois se configurava essencialmente de um movimento "anticapitalista, antimarxista, antiparlamentar, antisemita, e decididamente contra a maneira como a guerra fora encerrada e suas consequências" (FEST, 2017, pág.132). Essa insatisfação acentuou-se ainda mais com a chegada de Hitler à liderança do movimento no outono de 1919. Pois ele acentuara a fuga da realidade dos alemães, promovendo um radicalismo utópico ainda maior do que se esperava (FEST, 2017, pág.396-397).

No palco principal, como líder do movimento nacional-socialista, Hitler constituiu um momento raro, e pouco compreensível:

O fenômeno de Hitler não se esgota em sua pessoa. Seu sucesso deve ser situado no quadro geral de uma sociedade arruinada intelectual ou moralmente, no qual figuras que em outros tempos seriam grotescas e marginais podem ascender ao poder público por representar formidavelmente o povo que às admira (VOEGLIN, 2008, p. 41).

Essa representação se expõe principalmente no que concerne a perda de senso da realidade do povo alemão, assim como, seu mergulho no radicalismo assassino. (FEST, 2017, p. 396). Sob tais auspícios, constitui-se a solidificação do movimento entrando em declive temporário em 09 de novembro de 1923, com a tentativa fracassada de putsch no governo alemão, seguida da prisão dos seus principais líderes, inclusive Hitler. (FEST, 2017, p. 211). Passados alguns anos, seu ímpeto revolucionário mudou da ação violenta e golpista, para a "revolução legal", fruto do seu aprendizado na prisão em Landsberg, pondo em prática uma verdadeira reviravolta no que concerne a sua tentativa de transformação da ordem vigente (FEST, 2017, p. 221).

É a partir desse ponto que elencamos o recorte temporal desta pesquisa na qual seguirá do ano de 1925 até 1939, momento pelo qual o Nacional-socialismo promove sérias mudanças estruturais, ideológicas e revolucionárias na tradição política da Alemanha e do

mundo. Esse período temporal é o clímax de como um movimento liderado por moribundos fez surgir uma sociedade histórica, completamente robotizada capaz de cometer as maiores tragédias jamais concebidas. O espaço em que se dará a análise, já deve ter ficado subentendido como a Alemanha. Este país, palco de uma grande tragédia, comportará o recorte físico e geográfico da análise.

Toda essa exposição não faria sentido sem um objetivo explícito a se alcançar. O nosso é a tentativa de responder o problema à qual se lança nessa pesquisa: O que era o Nacional-socialismo? Acreditamos que a resposta esteja no ímpeto destrutivo e revolucionário de uma concepção de mundo deformada que a tudo queria transformar a seu bel prazer. O sentimento crônico de uma época, que coagia uma nação em ascensão a pleitear lágrimas de vitimismo barato e inócuo, que os lançaram nas mais desprezíveis atividades políticas que temos notícias.

Dessa forma apresentar-nos-emos, uma narrativa que irá prezar o desenvolvimento do movimento, sua suplementação dos elementos tradicionais da sociedade, e a implantação de uma concepção nova moldada por uma série de tendências discursivas e massificadas de uma época em construção.

A justificativa para a construção deste trabalho se deu, primeiramente, por um interesse pessoal no assunto que, no entanto, foi realçado pela inquietação quanto às versões consagradas na academia sobre o nazismo. Diante de tal situação, pudemos presenciar neste ano intensas discussões sobre a natureza política do nacional-socialismo, se seria ele um regime de "esquerda", de "direita" ou uma "terceira via". As respostas e os argumentos dados dos dois lados não eram suficientes, nem muito menos definitivas.

Para tanto, o presente ensaio monográfico tem por objetivo geral delinear os passos dados pelo nacional-socialismo na construção da sua apoteose revolucionária constituindo-se num fenômeno inteiramente novo no cenário mundial. Tentar chegar ao mais próximo possível de uma narrativa que esboce esse fim almejado, é essencial para o sucesso deste trabalho quanto ao que se propõe entregar.

Ademais, para conseguir chegar ao objetivo traçado, o trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro, será abordada a estratégia nazista por meio da propaganda e da degradação linguística para dissolver e desestabilizar a sociedade tradicional. O capítulo dois versa sobre como, uma vez desestruturada a sociedade, os nazistas se lançaram num projeto de reconstrução da mesma, mas dessa vez sobre os próprios auspícios. Por fim, a terceira parte tratará dos principais pontos em que se sustenta a apoteose revolucionária nazista e as bases do terror revolucionário.

Alcançar esse objetivo só poderia ser feito com uma delimitação teórica bem estabelecida, por isso propomos a trabalhar este ensaio sob o ponto de vista da história política. Essa escolha se deu por dois motivos importantes: primeiro, o retorno do interesse historiográfico pela história política. Segundo, pelo fato de tratarmos esse projeto sobre o surgimento de um movimento político do tipo totalitário completamente interessado em politizar todas as áreas da atividade humana por meio da catástrofe revolucionária. “Em primeiro lugar, o totalitarismo é, ao que parece, um regime no qual tudo se apresenta como política: o jurídico, o econômico, o científico, o pedagógico” (LEFORT, 1991, p. 67) constituindo-se dessa forma um objeto de estudo ideal para o campo da pesquisa histórica.

Ademais, vale salientar novamente, a importância do retorno do político na possibilidade de se escrever a história:

A volta da esfera política na pesquisa historiográfica foi marcada por uma mudança no conceito de política, enriquecido pela introdução de discussões caras a outras disciplinas, como as ciências sociais, antropologia, filosofia e psicologia, e cujo ponto importante foi a adesão ao fenômeno das culturas políticas (MIRANDA, 2011, p. 01).

Essa nova concepção do campo teórico abandonou a visão tradicional da história política que se limitava a investigar “sucessões presidenciais e instituições políticas” (MIRANDA, 2011, p. 01), tornando-se um campo mais abrangente:

A política é um lugar chave da vida coletiva, onde se estrutura a vida social. Além disso, as práticas são legitimadas por apresentações simbólicas, ideias, ideologias, imaginário, mentalidades, mitos que orientam e determinam comportamentos e condutas de indivíduos e grupos sociais na defesa dos seus interesses (MIRANDA, 2011, p. 02).

Para possibilitar a interpretação crítica da narrativa neste projeto, será utilizado no campo teórico, a filósofa e cientista política alemã de origem judaica Hannah Arendt (2012) e seu livro fundamental para o estudo do tema: *Origens do totalitarismo*, assim como “*O diagnóstico do nosso tempo*”, do sociólogo alemão Karl Mannheim (1967), “*Os ditadores: a Rússia de Stalin e a Alemanha de Hitler*” do historiador inglês Richard Overby (2009), “*O caminho da servidão*” do cientista social e economista austríaco F. A. Hayek (2010) entre outros que irão corroborar para o pleno desenvolvimento do trabalho.

Por fim, o trato com as fontes e sua delimitação é certamente, o ponto-chave na atividade do historiador. Sem essa percepção o trabalho pode tornar-se confuso e

indissociável de outras ciências, acarretando na incapacidade de fazer às fontes históricas perguntas necessárias para formular o problema de pesquisa. Com base nesta premissa, este trabalho está pautado metodologicamente na análise documental do German Propaganda Archive, do Calvin University de onde pudemos fundamentar em fontes primárias este trabalho.

## **2. CAPÍTULO I – A DESESTRUTURAÇÃO SOCIAL ALEMÃ PELA REVOLUÇÃO NACIONAL-SOCIALISTA**

O dia 9 de Novembro de 1923 guardou em si mesmo uma esperança desalentada. Diante da ponte levadiça do Isar, um contingente policial barrou a passagem de uma tropa de homens com bandeiras, hinos e faixas que marchavam ao som de Heil Hitler! O famoso putsch fracassou. Mas nem mesmo o seu fracasso trouxe o fim daquilo que prenunciava uma revolução total na vida e no pensamento alemão corroborando para os piores ditames e ações já pensadas na história da humanidade. O golpe orquestrado por Hitler e seus colaboradores na tentativa malfadada de uma "marcha para Berlim" ruiu, porém das cinzas do fracasso ressurgiu uma nova fênix mitológica que sobressaia da derrota e do sangue alemão para salvar a nação despedaçada.

Após a derrota e prisão dos principais líderes nacional-socialistas, o pequeno partido bávaro em ascensão se fragmentou como o aparente sonho dos encarcerados. O mesmo, no entanto, não se pode dizer de Hitler. Ele que havia sofrido uma derrota vexatória, acabou logrando uma vitória contundente na consciência do povo alemão, como um sujeito que lutava pela restauração de uma nação ao qual ele depositava plena convicção de vitória sobre a atual situação do pós-guerra. Com tranquilidade, o chefe dos nazi logo aproveitou sua estadia na prisão de Landsberg para reelaborar sua estratégia revolucionária. Havia ficado nítido que uma ação direta e violenta contra o governo não chegaria a resultado algum. Seria necessária uma remodelação. Uma camuflagem que pudesse atrair o cortejo do poder ao seu lado político. Assim ele, ainda na prisão, foi se munindo de toda sorte de leituras, novas modulações e construindo os novos passos revolucionários que daria quando dali saísse:

Aquela para que lhe fora importante também lhe deu oportunidade para uma recomposição interior, no curso do qual tentou ordenar os sentimentos. Por outro lado, aproveitou a oportunidade para tentar fundir as nações adquiridas em suas leituras passadas, e só particularmente assimiladas, com os frutos de uma cultura mais recente, elaborando, assim, o arcabouço de sua ideologia (FEST, 2017, p. 220).

Essa formação ideológica, no entanto, nunca fica muito claro aos estudiosos, em virtude do amálgama discrepante dos mais variados princípios científicos, políticos e históricos que expressava a miríade contraditória daquilo que podemos chamar de “os princípios básicos do movimento”. Esse talento demagógico do ditador, de fundir as mais diversas concepções ideológicas foi também seu talento majoritário e mesmo, graças a sua

influência, a característica marcante do nacional-socialismo que “sempre demonstrou grande maleabilidade em sua aplicação, e o próprio Hitler se mostrou comprovadamente indiferente às questões de programa e a ideologia!” (FEST, 2017 p. 225).

Esse descompromisso ideológico com um corpo doutrinário absoluto reflete a natureza do tipo de movimento que estava se construindo. Havia uma preocupação descarada de não agradar uma parcela mínima da população, mas o todo. Era um movimento de massas e a ela deveria seguir o seu apelo. Esse interesse pelas massas fica nítido no próprio caráter de como o movimento se constitui e como vai conduzindo sua política de ação.

Ademais, o interesse estratégico era primazia do movimento em detrimento da ideologia. Sua única constância era o desejo enorme de crescer e tudo abarcar. Constituir-se uma novidade política e a tudo açambarcar ao seu princípio, ou nas palavras do fundador do fascismo, Benito Mussolini: “Um partido governar ‘totalitariamente’ uma nação é uma novidade na história”. (MUSSOLINI, 2019, p. 32). Esse era o espírito. Para tanto, era necessário corrigir os primeiros passos dados pelo movimento e vestir uma nova roupagem que pudesse camuflar os reais interesses dos nazistas quanto ao seu objetivo final.

Hitler, portanto, na liderança do partido, reconfigurava as bases de ação revolucionária do movimento. Desistiu da ação abrupta de conquista do poder e lançou mão do projeto de revolução amparado pela legalidade jurídica:

Se retomar minha atividade, serei obrigado a seguir uma nova política. Em lugar de conquistar o poder pela força das armas, deveremos meter nosso nariz no Reichstag, para grande desgosto dos deputados católicos e marxistas. Na verdade, é possível que seja necessário mais tempo para convencê-los do que para fuzilá-los, mas afinal, a própria constituição deles nos possibilitará o sucesso. Todo processo legal é lento (Hitler apud FEST, 2017, p. 250).

Esse mito, uma vez criado, daria ensejo para as mais absurdas aventuras da barbárie em nome de uma civilização. O caminho da destruição convidava um grande número de pessoas intrépidas a percorrê-lo sem jamais oferecer a estes um fim diferente da exaustão e da morte. O nazismo representou uma esperança alucinada que mais tarde, provou ser um vinho amargo demais para qualquer cálice dele transbordar.

Os nazistas se utilizaram muito bem disso. Porém, para percorrer o caminho que os levaria ao poder tiveram de eliminar sumariamente todos os obstáculos. Para isso se valeram de uma estratégia chamada pelo sociólogo alemão Karl Mannheim de “estratégia do grupo nazista”.



O ponto capital da estratégia psicológica de Hitler é jamais encarar o indivíduo como pessoa, mas sempre como membro de um grupo social [...] o homem é mais facilmente influenciado através dos vínculos do grupo [...] O artifício oculto da estratégia de Hitler, por conseguinte, consiste em romper a resistência do espírito individual por meio da desorganização dos grupos aos quais esses indivíduos pertencem [...] Assim, há duas fases principais na estratégia do grupo de Hitler: a decomposição dos grupos tradicionais da sociedade civilizada e uma rápida reconstrução baseada em um padrão de grupos inteiramente novo (MANNHEIM, 1967, p. 120-121).

Desta forma, para entendermos o caminho que levou a apoteose revolucionária do Nacional-socialismo, precisamos primeiro compreender os instrumentos de destruição e desorganização social que rompeu o espírito de resistência do povo alemão e os levou a abraçar a loucura apoteótica de uma revolução nacionalista. Dois pontos foram capitais nesse processo: a propaganda totalitária e a corrupção da linguagem.

## **2.1 Propaganda totalitária.**

A propaganda foi o instrumento mais eficaz dos regimes totalitários para desorganizar, desmoralizar e, mesmo, destruir os grupos de oposição interna e externa, muito antes dos campos de concentração e dos fuzilamentos em massa. Esses últimos foram apenas o resultado inerente daquilo que outrora já havia sido proclamado a plenos pulmões, por lideranças nefastas que inverteram tudo; o bem pelo mal, a liberdade pela escravidão e a vida pela morte.

Essa dissimulada atitude programática, faz parte do esquema essencial de estratégia que os partidos totalitários visam para obter o poder. É necessário entender que o totalitarismo é uma atitude política que objetiva tudo controlar:

Em primeiro lugar, o totalitarismo é, ao que parece, um regime no qual tudo se apresenta como político: o jurídico, o econômico, o científico, o pedagógico [...] Em segundo lugar, o totalitarismo aparece como sendo o regime no qual todas as coisas tornam-se públicas. Em terceiro lugar, o que impede o totalitarismo de vir a ser confundido com uma vulgar tirania é não podermos trata-lo como um tipo de governo arbitrário à medida que está referido a uma lei, à ideia mesma de uma lei absoluta, lei que não tem relação alguma com a interpretação dos homens, aqui e agora; a lei da história no totalitarismo de tipo comunista; a lei da vida no totalitarismo de tipo nazista. Nesse regime, parece ainda que à ação é o valor dominante, já que o povo deve ser mobilizado, e ser mantido em constante movimento, para as tarefas de interesse geral. Também é um regime no qual reina o discurso. Por fim, é um regime que se apresenta como revolucionário, um

regime que faz tábula rasa do passado e que se devota à criação do novo homem (LEFORT, 1991, p. 67).

Esclarecido o conceito de totalitarismo e percebendo o nacional-socialismo como um movimento oriundo de tal natureza, pode-se agora entender a importância do veículo de propaganda para o movimento.

Ainda sobre o programa totalitário, vale ressaltar que:

Embora seja necessário escolher ideias e impô-las ao povo, elas devem converter-se nas ideias do povo, num credo aceito por todos que leve os indivíduos, tanto quanto possível, a agir espontaneamente do modo desejado pelo planejador. Se o sentimento de opressão nos países totalitários é, em geral, bem menos agudo do que muitos imaginam nos países liberais, é porque os governantes totalitários conseguem em grande parte fazer o povo pensar como eles querem. Isso, evidentemente, é realizado pelas várias formas de propaganda. Sua técnica já se tornou tão conhecida que não é necessário estender-nos muito a respeito. O único ponto a salientar é que nem a propaganda em si nem as técnicas empregadas são peculiares ao totalitarismo. O que altera de forma tão abrangente sua natureza e efeitos num estado totalitário é o fato de que a propaganda visa a um único alvo: todos os instrumentos de propaganda são coordenados de modo a conduzir os indivíduos na mesma direção e a produzir a característica *Gleichschaltung* (N. do R. Literalmente, “padronização”) de todas as mentes (HAYEK, 2010, p. 153).

Para trabalharmos a questão da propaganda como método de estratégia nazista, será necessário fazermos um jogo temporal, cronologicamente não retilíneo, ora avançando, ora retrocedendo no tempo, mas sempre mantendo a linha de coerência necessária, fonte de todo entendimento.

Além da técnica de propaganda não ser algo restrito aos governos totalitários, tendo como marca desses sistemas, apenas a uniformização da mente, vale ainda frisar o fato de que os nacional-socialistas aprenderam seus métodos com os comunistas e marxistas.

Os elementos dessa técnica ele os aprendeu com os comunistas [...] aprendeu como dissolver comícios de massa, como desmoralizar adeptos de outros partidos, como fingir que cooperava com grupos rivais para, a seguir, quando o momento era julgado oportuno, provocar a sua queda (MANNHEIM, 1967, p. 121).

Ainda sobre o aprendizado com os comunistas, Hitler afirma:

Muito aprendi do marxismo. Confesso-o sem meia palavras. Não de sua enfadonha doutrina social e do materialismo histórico, esse tecido de absurdos... Mas seus métodos me instruíram. Apliquei-me seriamente a determinar com que hesitações esses espíritos menores, esses caixeiros e burocratas deram seus primeiros passos. O nacional-socialismo mergulhou fundo nisso. Vede por nós mesmos... Os novos métodos políticos utilizados no combate político foram inventados, essencialmente, pelos marxistas. Só tive mesmo que tomá-los de empréstimo e burilá-los para dispor de quase tudo o que nos fazia falta. Só precisava examinar com lógicas as tentativas em que a social-democracia havia falhado dez vezes, em particular porque pretendia realizar sua revolução dentro do quadro de uma democracia. O nacional-socialismo é o que o marxismo poderia ter sido se tivesse quebrado os laços absurdos e artificiais que o prendiam a uma ordem democrática (Hitler apud FEST, p. 136).

Comprendemos de antemão que apesar da rivalidade entre nazistas e marxistas existirem, os primeiros jamais se intimidaram em absorver para si os modelos estratégicos socialistas. Isso se deve ao caráter estreitamente revolucionário do movimento. Podemos perceber isso ainda melhor nas disputas dos dois seguimentos. Falando sobre os métodos testados da propaganda moderna, Helmut Von Wilucki (1932, p. 230-233) diz:

Em geral, pode-se dizer que a propaganda do SPD foi muito inteligente e compreendeu a psicologia das massas. Eles viram o significado do símbolo da suástica e como ele se apossou dos sentimentos das pessoas e não as deixou ir. Portanto, eles encontraram um símbolo convincente para a “frente de ferro”, as três flechas, e tiveram o sucesso desejado com ela. Juntamente com outros métodos inteligentes de propaganda, as três flechas encorajaram muitos social-democratas a novas atividades. Nossa contrapropaganda não poderia fazer muito, já que as três flechas de “atividade, disciplina e unidade” não visavam mente, mas os sentimentos marxistas. Fizemos o nosso melhor para ridicularizar a propaganda da “flecha” conectando os três irmãos Sklarek [figuras judaicas em um grande escândalo financeiro em Berlim] para as três flechas na imprensa, adesivos e “cartões visitas”. Nossa grande bandeira vermelha com três flechas brancas e a grande inscrição “manufaturada pelos irmãos Sklarek” ganharam ampla atenção em muitas áreas traficadas.

Ou seja, percebendo os princípios estratégicos dos socialistas de “não visar a mente, mas os sentimentos marxistas” os nazistas se apropriaram da técnica para usá-lo em seu favor, atacando não a mente, mas os sentimentos dos seus opositores, relacionando sua propaganda aos judeus em específicos aos irmãos Sklarek, fazendo assim com que a iniciativa dos social-democratas caísse em descrédito e fosse desmoralizada. É importantes perceber que o antissemitismo na Alemanha estava enraizado seja na direita, ou na esquerda,

caso contrário, vincular os social-democratas aos judeus, não poderia exercer nenhum impacto nas “emoções marxistas”.

Ainda os métodos de propaganda na competição política para o Reichstag, em 1932:

A propaganda do “cartão de visitas” do SPD só funcionou por causa de sua novidade. Respondemos a isso com nossos cartões de visita intelectualmente mais pesados dos “irmãos Sklarek”. Os slogans semanais do SPD durante a campanha eleitoral, que vieram em letras circulares da sede do SPD, foram bem pensados. Para os seus apoiantes, o slogan mais eficaz foi: “Frente de Ferro contra os barões de Hitler!” Felizmente para nós, conseguimos uma cópia da carta circular com antecedência suficiente para fazer alguns preparativos. O SPD planejou usar um slogan afirmando o “welfare state” na segunda semana de julho. Nós, da Gau Süd Hannover-Braunschweig, usamos inteligentemente o slogan em reuniões de massa durante a primeira semana, tornando impossível usá-lo (WILUCKI, 1932, p. 230-233).

Se antecipando e usando as estratégias dos adversários ao seu favor, os nazistas foram abrindo caminho na consciência da população alemã, mostrando-se sempre um passo a frente e, portanto, aparentemente, mais preparados para governar. Os alemães em si já estavam saturados da situação social, principalmente, depois da grande crise econômica que assolou o mundo e mais especificamente na Alemanha, fez sentir-se demasiadamente pesada.

Aproveitando-se da situação, os nacional-socialistas promoveram sua imagem e tentaram convencer os mais diversos segmentos, que ele, os nazistas, eram o único grupo e movimento que poderia, genuinamente, representar os interesses dos mais variados segmentos da política nacional:

A superioridade de Hitler em relação a seus concorrentes manifestou-se, sobretudo em sua aptidão para dar aos seus desejos pessoais e ao desespero das massas a cor de uma decisão política, e para misturar as próprias intenções com as expectativas mais contraditórias [...] Com brados de alarme de rica variedade apelava aos homens desamparados, cheios de angústia ante a ideia de não pertencerem a uma classe, que se sentiam igualmente oprimidos à direita e à esquerda pelo capitalismo e pelo comunismo e criticavam o apoio que se dava à ordem existente. Seu programa rejeitava um e outro; ele era anticapitalista e antiproletário, revolucionário e restaurador da ordem, aliavam frias visões do futuro às nostalgias dos bons tempos antigos e se apoiava de maneira sugestiva no paradoxo de uma indignação revolucionária que impelia o povo a retornar ao estado antigo. Seu programa rompia deliberadamente com todas as frentes tradicionais. Mas, situando-se clara e radicalmente fora do “sistema”, Hitler demonstrava que não era a favor de nada dentro daquela

miséria reinante, e justificava seu veredicto sobre a situação (FEST, 2017, p. 293).

Era, sob tais auspícios, que os nacional-socialistas empreenderam todos os seus esforços políticos. Primeiro, precisava desbaratar os adversários, os desorganizar. Depois, anunciava a própria remissão à sociedade que tencionavam destruir. O apelo demagógico não ficou restrito a um segmento social, nem o poderia, pois os nazistas não ambicionavam o domínio de uma classe, mas de toda a população. Seguindo dessa forma, a característica essencial de um movimento totalitário.

Os movimentos totalitários objetivam e conseguem organizar as massas- e não as classes, como o faziam os partidos de interesse dos estados nacionais do continente europeu, nem os cidadãos com suas opiniões peculiares quanto à condução dos negócios públicos, como o fazem os partidos dos países anglo-saxões (ARENDDT, 2012, p. 436).

Sobre o significado do termo “massas”, convêm esclarecer ao leitor seu significado, possibilitando assim, melhor compreensão para a narrativa que segue:

O termo só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria de pessoas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto (ARENDDT, 2012, p. 438-439).

Para organizar as massas, era necessário atomizar a sociedade, isolando os indivíduos dos seus antigos grupos, tornando-os assim, vulneráveis aos apelos de fraternidade racial. Aquilo que a religião e às classes não uniu, seriam congregados pelo fator racial.

O homem entregue a si mesmo não pode oferecer resistência [...] o fato é que a desintegração do grupo tende a ser seguida dum colapso da consciência moral do indivíduo. Ele se vê tentado a pensar mais ou menos assim: “afinal de contas, tudo em que eu acreditava até agora talvez estivesse errado.” Pode ser que a vida não passe de uma luta pela sobrevivência e pela supremacia. A escolha que tenho é entre tornar-me um mártir ou aderir à nova ordem; quiçá eu possa chegar a ser um membro destacado dela. Ademais, se eu não aderir hoje, amanhã talvez seja demasiado tarde (MANNHEIM, 1967, p. 122-123).

Estando completamente consciente dessa psicologia das massas e mantendo a resolução de não retroceder um centímetro, os nazistas continuaram seus ataques impiedosos contra os partidos e instituições tradicionais. Depois de atacar e ridicularizar o partido social-democrata, os nazistas começaram igualmente, a atacar os segmentos religiosos com acusações estapafúrdias.

O catolicismo político se aliou aos inimigos da Alemanha, que constantemente se esforçou para enfraquecer a Alemanha, para reduzir a unidade interna do povo alemão e enfraquecer o seu direito à vida, que se juntou ao bolchevismo em sua cegueira arrogante [...] Este catolicismo político traidor está mais uma vez em ação hoje, ansiosamente tentando semear ervas daninhas que destruirão os esforços construtivos do governo nacional-socialista. Depois, há aqueles praticantes familiares de sofismas jesuítas que se escondem atrás da máscara do cidadão inocente que tenta derrubar tudo o que não concorda 100% com suas opiniões e teorias (AFASTA-SE...1935, P. 1-7).

Esse discurso contra o catolicismo encontra-se num boletim mensal para oradores. O objetivo era desbancar a oposição católica contra a eugenia nazista que tencionava entrar em vigor. O embate aconteceu já sob o governo de Hitler, mas cabe citá-lo para que não percamos de vista que o caminho trilhado para a obtenção do poder pelos nazistas foi vagaroso e encontrou certa resistência, principalmente, dos seguimentos conservadores e religiosos que se opunham a essa mudança social radical, pretendida pelos nacional-socialistas.

Ainda sobre os embates com o catolicismo, a propaganda nacional-socialista deixa claro o alcance de sua tolerância para com qualquer voz que entre em dissonância diante do coro apoteótico:

Enquanto a Igreja Católica Romana permanecer dentro de suas fronteiras, desde que lide com as vidas e experiências de seus fiéis, e desde que isso não interfira nas áreas de política, economia e cultura, aquelas áreas que o governo socialista se reserva inteiramente para si, no interesse de todo o povo, cada igreja e grupo religioso na Alemanha pode conduzir suas atividades sem obstáculos e livre de influencia externa. Somos e continuamos a opinião de que a afirmação honesta de uma religião por cada alemão será respeitada desde que não entre em conflito com as visões alemãs de justiça, moralidade e costumes (AFASTA-SE...1935, P. 1-7).

Em outras palavras: serão toleradas todas as formas de silencio contra os crimes nazistas. Ignorada a advertência que os nacional-socialistas deram, os católicos se opuseram

à propaganda de “higiene social” e, por isso, foram sumariamente atacadas, vituperadas, como uma instituição que pregava o atraso e a dissolução da comunidade alemã.

Atualmente, os agitadores políticos estão jogando mais barulho sobre a lei para a Prevenção de Prole Geneticamente Doente, e há casos bastantes conhecidos em que os fiéis têm publicamente pedido a violação desta lei. Eles insistem em desobedecer à lei, mesmo que o resultado sejam nascimentos desimpedidos de doentes físicos, mentais ou psicológicos, resultando em milhares de dano humano, meio animal. Essas obscurantistas conhecem tão bem as estatísticas deprimentes como nós, que forçaram o Estado nacional-socialista o agir contra essa decadência (AFASTA-SE...1935, P. 1-7).

Sobre essa lei, o historiador Robert Gellately (2011. p. 154-155) documentou que:

Hitler há muito tempo sustentava que a esterilização, ilegal na Alemanha até 1933, deveria ser usada para restaurar a “pureza social” da comunidade. Uma das primeiras medidas amplas introduzidas no terceiro Reich foi a “Lei para a prevenção de Prole com Doenças Hereditárias”, de 14 de julho de 1933, que possibilitou a esterilização compulsória [...] cerca de 200 mil mulheres e dos quais 200 mil homens esterilizados ao longo do programa foram contra a vontade. Em torno de 5 mil pessoas morreram em consequência das intervenções, a maioria mulheres, mas invariavelmente houve efeitos psicológicos devastadores [...] Longe de ser segredo, a enorme campanha de esterilização recebeu destaque na imprensa [...] Embora a Igreja católica tivesse reservas, não agiu a respeito e não houve protestos contra as esterilizações na Alemanha.

A afirmação do historiador de que a Igreja Católica não se manifestou contra as práticas nazistas de esterilização não condizem com a própria propaganda de difamação empreendida pelos nacional-socialistas contra a Igreja como foi mostrado. A campanha contra o catolicismo foi grande e há muitas amostras desse embate na documentação do período.

Inicialmente relacionado com a agitação contra a lei de Prevenção de Filhos Geneticamente Doentes é a batalha do catolicismo político contra as poderosas descobertas na área da ciência racial O bispo Gföllner é inteligente o bastante para declarar que o ponto de vista nacional-socialista é completamente irreconciliável com o cristianismo, chamando-o de retorno ao paganismo desprezível (AFASTA-SE...1935, P. 1-7).

Ainda sobre o assunto, o autor do boletim de propaganda mensal afirma:

Devemos agora considerar se os incontáveis ataques e queixas dos agitadores católicos contra o nacional-socialismo e o povo alemão são eventos isolados ou se fazem parte de uma campanha sistemática e organizada. A multiplicidade de tais ocorrências deixa claro que a batalha do catolicismo político contra a nova Alemanha é organizada, que tem como objetivo interromper os esforços construtivos do nacional-socialismo, que uma guerra aberta e oculta está sendo travada contra o povo alemão, uma guerra em serviço dos planos centenários do catolicismo para a dominação mundial, uma continuação de uma batalha de séculos contra o espírito alemão. Considero as várias declarações de bispos e cordeias, acima de tudo o comportamento arrogante do bispo Münster (AFASTA-SE...1935, P. 1-7).

Esse trecho do boletim nos diz muito. A corrupção da linguagem fica inerente na própria construção confusa do período. O autor queixa-se de uma propaganda “sistemática” do catolicismo contra o nacional-socialismo, em seguida, afirma que o crime é contra a “nova Alemanha” e contra o “espírito alemão” não sabendo concluir se a luta é “aberta” ou “oculta”. O confuso estilista prefere jogar dialeticamente com tudo. Por fim, afirma que tudo isso não passa de “planos centenários do catolicismo para a dominação mundial”. O mais satírico, é que exatamente isso que os nazistas pretendiam fazer, dominar o mundo. E mais, estavam organizados, sistematicamente para empreender contra a igreja católica esse maciço ataque de difamação.

Ademais, é óbvio que muitos ficaram calados diante dos crimes e, não poucos, consentiram com os nazistas. Porém, afirmar que a igreja católica não se pronunciou contra, e mesmo, não resistiu ao nacional-socialismo é no mínimo, má informação. Seria ir contra as próprias declarações nazistas e sua intensa propaganda para silenciar a oposição católica, seria sonegar aos documentos e ao que eles atestam.

## **2.2 Corrupção da linguagem.**

A corrupção da linguagem é um fenômeno extremamente importante, sem o qual, não conseguiríamos entender certos aspectos do nacional-socialismo. Essa corrupção, é o resultado inerente da propaganda e esta por sua vez, fundamenta-se na ficção ideológica do seu idealizador, os nacional-socialistas.

O nacional-socialismo (apesar do que já vimos sobre o regime ser um amálgama de ideias confusas) é uma ideologia no seu mais estrito sentido. Apesar da grande confusão dos seus preceitos, eles possuem as características básicas mesmo que jamais tenham conseguido estabelecer um corpo de doutrinas definitivo:



O poder de sugestão das ideologias é ainda maior pelo fato de que não são apenas sistemas doutrinários teóricos, mas, a mesmo tempo, aparelhagens espirituais completas com reações de comportamento e sentimento sincronizados, com bem-aventuranças e condenações estabelecidas. Quem ou que (e mesmo como) deve odiar-se, se em relação aos homens deve ser-se otimista ou pessimista, onde é que a devoção, a consideração, o heroísmo e a firmeza devem encontrar seu objeto— para tudo isso a ideologia fornece o sistema de categorias e, frequentemente, o modelo já elaborado (FREYER, 1965, p. 126).

Em todos esses pontos, o nazismo pode ser identificado. Assim, na sua propaganda o objetivo não era apenas ganhar uma eleição, mas alienar da realidade toda uma população, inculcando nela mesma seus devaneios ideológicos. Também aqui, faz-se necessário, explicar o sentido do conceito de ideologia:

Por ideologias temos em vista as interpretações de situação que não são o resultado de experiências concretas, mas um gênero de conhecimento deturpado delas, e que servem para encobrir a situação real, agindo sobre o indivíduo como uma compulsão (MANHEIM, 1967, p. 113).

Ter dimensão do significado deste conceito nesse trabalho é imprescindível para obtermos a compreensão dos efeitos da ideologia na linguagem, pois essa é a primeira a alienar-se completamente da realidade:

As ideologias destroem a linguagem, uma vez que, tendo perdido contato com a realidade, o pensador ideológico passa a construir símbolos não mais expressá-la, mas para expressar sua alienação em relação a ela [...] se há algo característico das ideologias é a destruição da linguagem, ora no nível de jargão intelectual de alto grau de complexidade, ora no nível vulgar (VOEGLIN, 2007, p. 39-82).

Essa perda do senso de realidade é consequência da mentalidade totalitária expressa na sua propaganda “a propaganda totalitária prospera nesse clima de fuga da realidade para a ficção, da coincidência para a coerência.” (ARENTH, 2012 p. 486) Não apenas isso, mas chegavam mesmo a introduzir no imaginário popular uma série de ficções que passaram a acreditar de forma completamente assertiva:

A propaganda totalitária transformou a suposição de uma conspiração mundial judaica de assunto discutível que era em principal elemento da

realidade nazista o fato é que os nazistas agiam como se o mundo fosse dominado pelos judeus e precisasse de uma contra conspiração para se defender (ARENDR, 2012, p. 497).

Esse aspecto da fuga da realidade por meio da ideologia e da destruição da linguagem fica bastante evidente nas afirmações do ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels (1932, p. 06):

Nós nos opomos aos judeus porque estamos defendendo a liberdade do povo alemão. O Judeu é a causa e o beneficiário de nossa escravidão. Ele abusou da miséria social das grandes massas pra aprofundar a terrível divisão entre a direita e a esquerda do nosso povo, dividir a Alemanha em duas metades, ocultando assim a verdadeira perda do povo na Grande Guerra e falsificando a natureza da revolução.

Além de propagar as ficções conspiratórias dos judeus neste caso, e dos católicos já discutidos nesse interim, a linguagem ideológica cria esses lugares comuns, onde o imaginário sempre revoltará ficando, portanto, alheio a experiência concreta da realidade. “Por linguagem ideológica entendo símbolos de linguagem que se pretendem conceitos, mas são na verdade *topoi*, ou lugares comuns, sem depuração crítica” (VOEGLIN 2007, p. 139) O lugar-comum escolhido, foi o judeu.

Segundo Goebbels (1932, p.07):

O judeu é o demônio plástico da decomposição. Onde ele encontra sujeira e decadência, ele aparece e começa o trabalho de açougueiro entre as nações. Ele se esconde atrás de uma máscara e se apresenta como um amigo para suas vítimas, e antes que eles saibam, ele quebrou o pescoço [...] o judeu é sem criatividade. Ele não produz nada, só pechincha com produtos. Com panos, roupas, fotos, joias, grãos, estoques, curas, povos e estados.

A campanha de difamação é latente, mas não só isso; o próprio uso da linguagem do discurso nazista não objetiva descrever a realidade percebida, mas convencer os ouvintes e leitores desse *topoi* de sorte a encontrar coerência nas mais estapafúrdias declarações, ocultando-as com um ar de mistério e conspiração. Antes de tomarem o poder e criarem um mundo à imagem da sua doutrina, os movimentos totalitários invocam esse falso mundo de coerência que é mais adequado às necessidades da mente humana do que a própria realidade (ARENDR, 2012).

Outra forma de percebermos a corrupção da linguagem, além da alienação da realidade, é o completo esvaziamento do sentido original de uma palavra empregada. Esse esvaziamento de um sentido mais ou menos coerente das palavras, fica um pouco mais claro ao olharmos o próprio Goebbels tratando do caráter socialista do movimento.

Nós somos socialistas porque vemos no socialismo, isto é, a união de todos os cidadãos, a única chance de manter nossa herança racial e recuperar nossa liberdade política e renovar nosso estado alemão. O socialismo é a doutrina da libertação para a classe trabalhadora [...] Nós somos socialistas porque vemos a questão social como uma questão de necessidade e justiça pela própria existência de um estado para o nosso povo (GOEBBELS, 1932, p. 03).

Após dissertar que o movimento nazista era socialista porque desejava a união de todos os cidadãos (sem distinção), o ministro afirma exatamente o contrário na linha seguinte dizendo que o “socialismo é a doutrina da libertação para a classe trabalhadora” (GOEBBELS, 1932), ou seja, o socialismo já não é a causa da unificação de uma nação, mas a luta pela emancipação da classe trabalhadora. Ele ainda prossegue tratando do socialismo dessa vez na sua relação com o antissemitismo:

O que o antissemitismo tem a ver com socialismo? Eu colocaria a questão dessa maneira: o que o judeu tem a ver com o socialismo? O socialismo tem a ver com o trabalho. Quando alguém o viu trabalhando em vez de saquear, roubar e viver do suor dos outros? Como socialistas, somos adversários dos judeus porque vemos nos hebreus a encarnação do capitalismo, do uso indevido dos bens da nação (GOEBBELS, 1932, p.07).

Dessa forma, o socialismo já não trata da unificação da nação nem da emancipação de uma classe, mas de trabalho e da exclusão dos “vagabundos” e “sanguessugas” personificados na figura do judeu. E mais, o socialismo é contrário ao judeu porque esse encarna o capitalismo, e o socialismo é contrário ao uso indevido dos bens da nação.

Esse tipo de incoerência não deve ser tomada por desatenção ou incompetência organizacional, pelo contrário, os autores responsáveis pela propaganda estavam completamente cientes das consequências do emprego desses meios. Tudo era sistematizado, uma técnica de desorganização da própria razão dos ouvintes.

Pouco a pouco, à medida que o processo se desenrola, toda a linguagem é por assim dizer esvaziada, e as palavras são despojadas de qualquer significado preciso, podendo designar tanto uma coisa como o seu oposto e

sendo usadas apenas por causa das conotações emocionais que ainda lhes estão vinculadas (HAYEK, 2010, p. 157).

Ainda sobre a mesma questão:

Eles insistem no direito de atribuir às palavras o significado que bem entendam. A existência de um critério baseado no fato histórico de que as palavras estão soltas na língua, mas são criadas para expressar experiências, é fervorosamente contestada. Preferem o que eu chamo de filosofia Humpty-Dumpty da linguagem: para eles, definir os sentidos de uma palavra é uma prerrogativa intelectual que não pode ser submetida a críticas (VOEGLIN, 2002, p. 133-134).

A mudança de sentido das palavras podia variar indefinidamente sem jamais correr risco de obter resultados desfavoráveis com a completa confusão nos ouvintes e leitores:

Poucos aspectos dos regimes totalitários despertam tanta confusão no observador superficial e é, ao mesmo tempo, tão característica do clima intelectual desses sistemas, como a completa perversão da linguagem, a mudança de sentido das palavras que expressam as ideias dos novos regimes (HAYEK, 2010, p. 156).

Essa confusão se dá pelo fato das pessoas estarem habituadas com termos semelhantes o “socialismo”, “nacionalismo” etc. Então, quando as palavras são utilizadas com um ou mais sentidos, os ouvintes por um ou outro motivo, acabam se sentindo representadas.

Somos nacionalistas porque vemos a nação como a única maneira de reunir todas as forças da nação para preservar e melhorar a nossa existência e as condições sob as quais vivemos [...] o nacionalismo se transformou em patrimônio burguês e seus defensores estão lutando contra os moinhos de vento. Um diz a Alemanha e significa a monarquia. Outro proclama a liberdade e significa preto-branco-vermelho [as cores da antiga bandeira alemã] a fé na nação é uma questão para todos, nunca um grupo, uma classe ou um grupo econômico [...] Eu posso amar a Alemanha e odiar o capitalismo. Não só eu posso, eu devo. Somente a aniquilação de um sistema de exploração traz consigo o cerne do renascimento de nosso povo (GOEBBELS, 1932, p. 01-03).

Depois de tanta retórica contra o sistema burguês e capitalista, qualquer leitor de tendências marxistas se sentiria de certa forma representada, ao passo, que o sujeito comum que não simpatizasse com o socialismo marxista, estaria em apuros, e agora? Bem... Basta para ele ler algumas linhas a mais e irá se deparar com a declaração de que “nós chamamos partido dos trabalhadores porque queremos libertar o trabalho das cadeias do capitalismo e do marxismo” (GOEBBELS, 1932, p. 06). Dessa forma, ele poderá ficar mais aliviado. O

nacional-socialismo é uma solução para ambas as coisas: para a direita e para a esquerda, para o nacionalismo e para o socialismo.

O Nacional-socialismo, portanto, constitui-se em algo novo na história. Não estavam interessados apenas em desorganizar a sociedade, mas, em organizar uma nova civilização que pudesse colocar a Alemanha no pedestal das grandes nações, e mesmo como a nação que organizaria o mundo em decadência, sob novas formas. Por isso então, que essa foi a primeira medida, tão logo Hitler chega ao poder. É sobre essa construção do novo que trataremos no capítulo que se segue.

### 3. CAPÍTULO II – REVOLUÇÃO E A CONSTRUÇÃO DO ESTADO TOTALITÁRIO

O projeto de poder no qual os nacionais-socialistas tencionavam implantar na Alemanha, não poderia se concretizar apenas com ataques sucessivos ao sistema social e cultural reinante, mas precisava de um plano bem definido para reorganizar a vida do povo alemão de acordo com novos moldes.

O olhar do movimento concentrava-se no futuro, jamais em conservar coisa alguma. Fosse o nacional-socialismo um partido conservador, teríamos de admitir que o holocausto, a política racial, o culto às entidades nórdicas e a “higiene racial” eram práticas comuns na Alemanha pré-Hitler e que este, por sua vez, estava apenas lutando pela conservação desses interesses “tão caros” ao povo alemão, o que seria sem dúvida, uma grossera maneira de demonstrar total desconhecimento do assunto.

Essa perspectiva progressista era marca do movimento nazista, que não sonhava somente com uma nova Alemanha, mas com um mundo novo, e mesmo, com o homem novo:

O nazismo foi um mergulho de cabeça no futuro, rumo a um “admirável mundo novo”. É claro que tirou o máximo proveito dos resíduos de desejos conservadores e utópicos, prestou homenagens a essas visões românticas e foi buscar suas miçangas ideológicas no passado alemão, mas seus objetivos eram a seus próprios olhos, nitidamente progressistas. Não era um Jano de dupla face cujos rostos estivessem igualmente atentos ao passado e ao futuro, nem era um proteu moderno, o deus da metamorfose, que duplica formas preexistentes. A intenção do movimento era criar um novo sistema racial e finalmente uma nova ordem internacional (EKSTEINS, 1992, p. 384).

Desta forma os nazistas se utilizaram de vários elementos sociais, políticos e religiosos apenas como ponto estratégico, sem jamais ficar preso a estes moldes, ou a eles se limitarem. Como já foi exposto, desde a prisão e libertação de Hitler, a estratégia revolucionária mudou da tomada violenta e abrupta de poder, para a conquista do mesmo por meios legais que proporcionaria, desde dentro, destruir todos os opositores e moldar a lei e a democracia de tal forma que esta passaria a legalizar todas as ações criminosas do regime.

Nesse momento serão necessárias explicações sobre duas coisas: o que entendemos por revolução neste trabalho e como se constitui a revolução legal.

Primeiro, em relação à revolução, entendemos que: “as revoluções do século XX não visam mais à emancipação dos oprimidos, e sim à tomada do poder dentro de um aparato social já formado e fortemente concentrado” (FREYER, 1965, p. 148).

Além disto, podemos ainda perceber que:

Revolução não é apenas a conquista violenta do poder. Revolução é toda a aceleração política que arrasta um povo para um processo que não domina nem compreende. E a força das revoluções provém menos da violência, que dos valores e das proporções, instaurando a desorientação e dispondo a população a aceitar, em nome da segurança, quaisquer exigências dos novos poderes (HENRIQUES, 2001).

Compreendendo a revolução como a tomada de poder e um processo que arrasta todo o povo para o campo do desconhecido, tornar-se-á, para nós, mais simples o entendimento de que um movimento reacionário ou conservador jamais poderia operar tamanha modificação no âmago da sociedade e mesmo da estrutura global. Somente um movimento revolucionário poderia dar ensejo a pretensões de poder total; o totalitarismo não é uma continuação política de qualquer modelo tradicional, mas uma ruptura e uma novidade em si mesma. “A concentração ilimitada dos instrumentos de poder e exaltação absoluta do aparelho que caracteriza o regime totalitário não se dão espontaneamente. Consistem sempre numa decisão e mesmo numa ação revolucionária” (FREYER, 1965, p. 148).

Ainda sobre o mesmo, nos fala Hannah Arendt (2012, p. 611) que:

Sempre que galgou o poder o totalitarismo criou instituições políticas inteiramente novas e destruiu todas as tradições sociais, legais e políticas do país. Independente da tradição especificamente nacional ou da fonte espiritual particular da sua ideologia, o governo totalitário sempre transformou as classes em massas, substituiu o sistema partidário não por ditaduras unipartidárias, mas por um movimento de massa, transferiu o centro do poder do exército para a política e estabeleceu uma política exterior que visava abertamente ao domínio mundial [...] segundo um sistema de valores dos nossos tradicionais categorias utilitárias, legais, morais, lógicas ou de bom-senso podia mais nos ajudar a aceitar, julgar ou prever o seu curso de ação.

Exposto desta forma, nossa perspectiva do nazismo como um movimento revolucionário e o que compreendemos neste trabalho por revolução, cabem-nos a tarefa de exemplificar o processo de “revolução legal” o método e consequência da sua aplicação constituindo aquilo que o próprio Hitler (1937) chama de “revolução dentro da tradição revolucionária” (SOBRE... 1937, p.03).

### 3.1 Revolução interna.

O nacional-socialismo como exposto no capítulo anterior lançou-se num projeto particular de tomada de poder que consistia na dissolução, descentralização e desorganização das instituições tradicionais da sociedade, para então, iniciar seu projeto de reconstrução social.

Essa reconstrução só foi possível graças à chegada de Hitler ao poder no dia 30 de janeiro de 1933, data que se torna um marco para o próprio destino da Alemanha e do mundo, o começo de uma novidade por muito aguardada. “Hitler visava, com mais esperanças do que nunca, à revolução anunciada incessantemente: como todo verdadeiro revolucionário, acreditava que uma nova era histórica começava com ele” (FEST, 2017, p. 391).

Chegar ao poder já foi para os nazistas e, em especial para Hitler, a chance de realizar tudo que outrora havia sido prenunciado, apesar da falta de acuidade dos seus opositores em enxergar o desastre que se anunciava:

Era fácil perceber que o nacional socialismo era o inimigo comum de burgueses, dos comunistas e marxistas, dos judeus, dos republicanos; mas a cegueira e a fraqueza impediram a maioria dessa gente de deduzir que todo mundo deveria ter sido inimigo dos nacionais-socialistas (FEST, 203, p. 390).

Essa falta de percepção acerca da natureza e das reais intenções dos adversários dos nazistas muito se deveu ao próprio caráter demagógico do movimento e a total sutileza da sua atuação, ora mostrando-se mais próximos dos conservadores, ora mais dos revolucionários, mas, sempre nas entrelinhas, e algumas vezes de forma aberta, os seus próprios desígnios que nada tinha haver com ambos, ou melhor, com conservadores e tradicionalistas sendo muito mais perspicaz e estampado, a sua vertente revolucionária:

Na realidade, os apoios conservadores de Hitler acreditavam que ele retomava suas ideias de um modo talvez grosseiro, mas eficaz. Perceberam tarde demais que ele se opunha ao mundo que esperavam conservar, tanto quanto Thälmann. Por ser de outra natureza, sua oposição não era menos feroz. O anônimo delegado bávaro do partido Nazi anunciara aos seus superiores que Hitler “nada mais era que (...) o instigador de um segundo Exército Vermelho” tinha sentido o temperamento dele com maior acuidade do que o fizeram as eminências corrompidas de 1933 (FEST, 2017, p. 390).



Apesar da previsível catástrofe, as forças conservadoras social-democratas e comunistas que já haviam sido omissos quanto à falta de acuidade para uma possível união antinazista, ainda cometeram o disparate de pensar que a burocracia estatal engoliria o ímpeto revolucionário de Hitler e dos nacional-socialistas:

Hitler não só conquistou o poder como realizou uma parte de seus externos propósitos revolucionários. Os comentários absolutamente desdenhosos que cercavam sua estreia no governo não lhe davam grandes possibilidades de duração no posto, isso quando não chegavam a fazer dele “prisioneiro de Hugenberg” de acordo com uma ilusão curiosamente compartilhada por grupos que iam do centro aos social-democratas e aos comunistas. Mas as previsões céticas relativas a seu insucesso diante o poder dos elementos conservadores, face de Hindenburg e ao Reichswehe, diante da resistência das massas, em especial a exercida pelos partidos de esquerda e os sindicatos, em fase da quantidade e complexidade dos problemas econômicos, diante da intervenção estrangeira, ou ainda devido ao seu próprio diletantismo finalmente desmascarado todas essas previsões foram reputadas de maneira clamorosa por um processo de conquista do poder sem paralelo na história (FEST, 2017, p. 465).

No processo de conquista do poder e estabelecimento de sua cosmovisão, os nacional-socialistas se utilizaram da medida estratégica chamada “revolução legal”. Para entendermos melhor o que significa esse termo, cabe-nos saber que:

O poder e os recursos do estado moderno tornam as revoluções civis virtualmente impossíveis [...] Tudo o que é possível é [...] o golpe ou revolução mediante arranjo, desde cima, sob o patrocínio dos poderes constitucionais [...] Para atingir os fins revolucionários sem colocar as massas em ação, golpes que sigam a tática de inocular nas leis o impulso revolucionário, de manipular a legalidade até que ela tenha passado de um estágio de revolução mascarada para emergir como uma nova legalidade é empreendida a pretexto de prevenir um período de anarquia, de manter o controle dos acontecimentos, de impedir que o país seja entregue à mercê de incalculáveis elementos “demoníacos”. Depois que a legalidade revolucionária foi introduzida sem sangue, o curso dos acontecimentos fica a mercê, precisamente, desses elementos incalculáveis e demoníacos. Este método desfere um golpe muito mais paralisante na justiça e no senso de justiça do que uma revolução aberta (RAUSCHNING, 1939, p. 10-12).

Ou seja, a revolução legal nada mais é que o uso sutil da legalidade jurídica e constitucional para validar ações de cunho revolucionário que, se fosse exposta abertamente seria taxada de criminosa e ilegal. Nessa nova estratégia o regime ou movimento finge se adequar aos moldes democráticos para, desde dentro, promover a própria destruição de qualquer estado de legalidade servindo por fim apenas como fachada e máscara para todas as medidas criminosas do governo.

Tal estratégia política era, até então, desconhecida no cenário político e, portanto, infundiram na população e nos grupos e partidos políticos, um misto de certeza e confusão além disso, tinha por finalidade concentrar nas mãos de Hitler todo o poder político, assim como, moldar toda a Alemanha de acordo com a desfigurada tela que, outrora, pintara em sua imaginação corrompida por um desejo insano de se firmar como o próprio destino da Alemanha. Para alcançar tal finalidade fez uso constante de ataques que visavam à desorganização de qualquer resistência interna e, como convém a estratégia, lançou mão de um projeto de organização de toda a vida social alemã de acordo com a ideologia nazi, criando grupos e instituições de apoio e doutrinação.

### **3.2 Instituinto novos valores.**

Após o incessante ataque aos valores e instituições tradicionais, os nazistas se lançaram num frenético projeto de organização política, sem o qual não faria sentido atacar os opositores; não bastava desbaratar oponentes, era necessário apresentar ao povo alemão uma opção viável e atraente para os mesmos:

Hitler inicia então o segundo movimento de sua estratégia. Procura reconstruir uma nova ordem seguindo duas linhas distintas. Uma destina-se a escravizar as massas, a outra a entrincheirar sua liderança e o terrorismo de seu partido (MANHEIM, 1967, p. 123).

Ambos os procedimentos são parte integrante de um projeto que se fundamenta numa cosmovisão definida que partia do princípio que tudo anteriormente, estava em declínio:

A maneira mais breve de descrever a miséria do povo alemão antes do abrangente levante de 1933 é a seguinte: o povo alemão não tinha mais uma visão do mundo. Uma cosmovisão não é um ponto de vista subjetivo, uma opinião pessoal do que é verdade, mas sim uma força que molda uma era, uma vontade firme, “uma visão que une todos os aspectos profundos da vida” (como Rosenberg disse no comício cultural de o Rolly de Honra do partido do Reich). A Alemanha caíra no caos das cosmovisões, do qual se seguiu a decadência política, econômica, cultural e moral, uma vez que o padrão de medição fracassou o que teria permitido um julgamento válido sobre o valor ou a falta de valor de um fenômeno particular. Cada ponto de vista tinha seus próprios padrões que destruíram o poder vinculante e a força moral de qualquer cosmovisão genuína. O moribundo sistema democrático liberal tinha opiniões que eram mutáveis, relativas e não vinculantes, mas como tinha uma cosmovisão absoluta no qual as pessoas pudessem depositar sua fé. Teve um panopticum, mas nenhuma imagem do mundo. Recolheu todas as opiniões, pontos de vista e valores possíveis de todas as

vozes e pessoas, mais ou menos como exposições em um museu, mas não tinha um ponto de vista dominante, nenhum valor real. O resultado foi o caos, a esterilidade e o relativismo. O ponto de vista mais infeliz poderia ser o centro das atenções, porque faltava a fé [...] a época perdera uma visão de mundo central e, portanto, a medida de caráter, de estilo. O caos das visões de mundo resultou em caos na ciência, na educação e em todas as outras áreas da vida (VITÓRIA...1939, p. 02-04).

Essa percepção caótica da sociedade alemã e da civilização ocidental era a pedra fundamental em que se erguia o movimento de consolidação e pretensão quanto aos rumos que o mundo deveria tomar. Os nacional-socialistas, portanto, implantaram o terror nas mentes dos seus concidadãos com histórias apocalípticas de declínio e destruição oferecendo, eles mesmos, a solução, apontando o caminho, apresentando-se como a reformulação de todos os aspectos da vida para melhor:

A revolução nacional socialista acabou com essa situação na Alemanha. Contra o declínio do Ocidente o Mein Kampf de Adolf Hitler deu expressão simbólica a uma era em ascensão. A fé e o anseio por uma nova era levaram o movimento nacional-socialista ao seu objetivo político. O NSDAP tornou-se única e exclusivamente responsável pela visão de mundo e estrutura política (VITÓRIA...1939, p. 02-04).

Assim, a revolução nacional-socialista se apresentou como o único a identificar a dimensão do abismo e como superá-lo, pelo menos era isso que sua propaganda objetivava passar, e mais, tudo se centrava na deificação da revolução nazista pretendendo, dessa forma, convencer a todos “do bem supremo” que representavam:

A revolução nacional-socialista pôs fim à doença que ameaçava a vida do povo alemão e seus objetivos políticos lançaram as bases da nova ordem de um povo. Como qualquer revolução genuína, inovadora, voltada para o futuro, a ascensão alemã de 1933, no final, foi à salvação de nossa vida nacional. Organizou todos os poderes de resistência disponíveis contra o declínio e a atitude de declínio de uma idade agonizante. Superou a fragmentação de forças e a anarquia de opiniões, dando ao presente uma lei vinculativa e um objetivo digno [...] o nacional-socialismo tomou para si a criação de uma nova obrigatória ordem de vida para a Alemanha [...] a ideia nacional-socialista é hoje obrigatória para a vida alemã porque se provou a mais forte na batalha das visões de mundo (VITÓRIA...1939, p. 02-04).

Como afirma o propagandista “o nacional-socialismo tomou para si a criação de uma nova obrigatória ordem de vida para a Alemanha”, não nos resta dúvida de que esta etapa de reconstrução e ressignificação era extremamente importante para os rumos inteiramente

novos e desconhecidos, mas como? Como os nazistas fizeram isso, ou melhor, como se operou a transformação?

A resposta é simples: fizeram isso através de um maciço ataque de propaganda, regida pela cosmovisão única do nacional-socialismo em todos os setores da vida. Os nazistas modularam absolutamente tudo, desde como construir casas, até como celebrar um natal e que sentido real ele evocava.

Podemos ver melhor esse processo num artigo de publicação mensal de jardinagem, escrito por Herbert North. Nesse artigo o escritor defende e propaga a “casa alemã”:

É consistente com a nossa idade e seus problemas nacionais que hoje procuramos e lutamos por uma “casa alemã” que seja expressão visível da forma homogênea de vida da comunidade de pessoas dentro de seu espaço comum [...] isso exige mais do que um bom acabamento de aparências externas. É uma tarefa política, pois precisamos de uma profunda limpeza espiritual das confusões do passado recente [...] essas forças, a partir de suas necessidades internas, também influenciarão os espaços de vida menores das pessoas, suas casas, seus quintais, refletindo honestamente seus tempos, a fim de construir uma forte ponte entre os tesouros culturais do passado e uma nova era (NOTH, 1937, p. 269-271).

Essa “casa alemã” deveria seguir o seguinte modelo:

Uma estrutura simples e clara, com paredes brancas apoiadas em uma fundação de pedra e um telhado estreitamente saliente [...] janelas dispostas em quadrados contra paredes claras [...] o jardim de frutas inclui um muro de pedra que divide a propriedade em duas seções iguais [...] longas filas de visões e boas conexões entre os quartos, demonstrando senso para os requisitos de uma boa vida (...) rejeição consciente de todos os elementos e decorações externas desnecessárias (NOTH, 1937, p. 269-271).

Uma descrição detalhada da arquitetura que uma “casa alemã” deveria possuir. Esse modelo, como o autor dissera, não quer tratar exclusivamente de arquitetura, mas de política. Todo esse modelo reflete a uma visão de mundo que se configura uma forma essencial de existência baseado no fator racial, desta forma existe uma arquitetura alemã, uma ciência alemã, um natal alemão e muitas outras formas de expressão. Essa lógica nazista de ver o mundo chama-se polilogismo.

Esse modelo de conceber e interpretar a realidade, tão característico dos nazistas, foi mais uma doutrina socialista absolvida pelos nacional-socialista para compor seu escopo estratégico e ideológico de ver o mundo:

O marxismo afirma que a forma de pensar de uma pessoa é determinada pela classe a que pertence. Toda classe social tem uma lógica própria. Logo, o produto do pensamento de um determinado indivíduo não pode ser nada além de um “disfarce ideológico” dos interesses egoístas da classe à qual ele pertence [...] os nazistas fizeram amplo uso do polilogismo. Mas os nazistas não inventaram o polilogismo. Eles apenas criaram seu próprio estilo de polilogismo (MISES, 2017, p. 01).

Existe, sem dúvida, certa proximidade entre a maneira de conceber a realidade política entre socialistas e nacional-socialistas, algo que vai muito além do que o molde retardatário do enquadramento entre “direita” e “esquerda” pode oferecer. Dessa forma, tendo uma origem socialista, os nazistas, apesar de formular seu próprio socialismo, nunca deixaram de se utilizar do conhecimento ideológico e estratégico adaptado às suas próprias necessidades. O partido dos trabalhadores proclamou-se uma “organização socialista, sem classes que só deveria ser dirigida por chefes alemães”. A “grande ideia” de Drexler era reconciliar a nação com o socialismo. (FEST, 2017, p. 125)

Essa tentativa de conciliação era uma resposta que o socialismo marxista nunca dera e, portanto, o socialismo nacionalista pensava-se como maior e mais perfeito “recriminava o socialismo marxista por ser incapaz de superar o nacionalismo ou de lhe trazer uma resposta satisfatória” (FEST, 2017, p. 124) À luz desse contexto o nacional-socialismo se desenvolve até que Hitler lhe assume a liderança colocando novos elementos na doutrina, sem esquecer que o movimento surgiu não para dar um fim ao socialismo, mas para ser a melhor resposta socialista do pós-guerra.

Voltamos, entretanto, a questão do polilogismo. Mencionado o conceito, sua origem marxista e sua adaptação pelos nazis, cabe agora definir o que significa o termo para obtermos melhor compreensão do novo mundo que os nacional-socialistas estavam implementando, e chegarmos ao âmago do que significa uma “casa alemã”, bem como todos os outros termos que tenham esse adjetivo como topos definidos. “O polilogismo, portanto, é a crença de que há uma multiplicidade de irreconciliáveis formas de lógica dentro da população humana, e estas formas estão submetidas em algumas características grupais.” (MISES, 2017).

Ou seja, o polilogismo é uma doutrina que encerra qualquer qualidade ou defeito, não na subjetividade humana, mas nas inerentes características grupais que são mutáveis. Acerca do polilogismo e da absorção de seu método dos marxistas pelos nazis, cabe-nos saber que:

Dado que não conseguiram demonstrar nacionalmente a validade de suas ideias e nem a invalidade das ideias de seus adversários, eles simplesmente passaram, a condenar os métodos lógicos. O sucesso deste estratagema marxista foi sem precedentes. Ele se tornou uma blindagem contra qualquer crítica nacional à pseudo-economia e à pseudo-sociologia marxista. Ele fez com que todas as críticas nacionais ao marxismo fossem inócuas. Foi justamente por causa dos truques do polilogismo que o estatismo conseguiu ganhar força no pensamento moderno.

O polilogismo é tão inerentemente sem sentido, que é possível levá-lo consistentemente às suas últimas consequências lógicas. Nenhum marxista foi corajoso o suficiente para derivar todas as conclusões que seu ponto de vista epistemológico exige. O princípio do polilogismo levaria à incoerência de que os ensinamentos marxistas também não são objetivamente verdadeiros, mas sim apenas afirmações “ideológicas”. Mas isso os marxistas negam. Eles reivindicam para suas próprias doutrinas o caráter de verdade absoluto (MISES, 2017, p. 02-03)

Tudo isso é extremamente importante para sabermos que:

Os nacional-socialistas alemães tiveram de enfrentar o mesmo problema dos marxistas. Eles também não foram capazes nem de demonstrar a veracidade de suas próprias declarações e nem de refutar as teorias da economia e da praxeologia. Conseqüente, eles foram buscar abrigo no polilogismo, já preparado para eles marxista.

Sim, eles criaram sua própria marca de polilogismo. A estrutura lógica da mente, diziam eles, é diferente para cada raça. Cada raça ou nação possui sua própria lógica e, portanto, sua própria economia, matemática, física etc.[...] aos olhos dos marxistas, Ricardo, Freud, Bergson e Einstein estão errados porque são burgueses. Um dos maiores objetivos dos nazistas é libertar a alma ariana da poluição das filosofias ocidentais de Descartes, Hume e John Stuart Mill. Eles estão em busca da ciência alemã *arteigen*, ou seja, da ciência adequada às características raciais dos alemães. (MISES, 2017, p. 03)

Compreender isso torna mais fácil para o leitor o entendimento da cosmovisão nazista e da sua insistência em mudar e reconfigurar toda a vida política e social de toda nação, e mesmo, do mundo.

Retomemos, portanto, a algumas amostras desse processo de reconfiguração revolucionária da sociedade tendo, até agora, mostrado como até mesmo a arquitetura havia ganhado novas funções, porém, essa inventiva não cessa aí, mas vai além do tecido social da Alemanha.

Contudo, sabemos que as mudanças não se limitavam as características externas ou modelos arquitetônicos, mas tornaram-se esses locais verdadeiros recintos de uma ideia, ou melhor, templo da sociedade prefigurada pelos nazis e que agora estaria em construção.

Um artigo de Wolfgang Schultz traz questões interessantes sobre como os membros do partido nazista e seus líderes deveriam uma vida pessoal totalmente voltada para o

nacional-socialismo é claro, como modelo para as massas. Esse arranjo verifica-se até mesmo na construção de aspectos religiosos e ritualísticos em torno da simbologia nazista. “Cada líder do partido, assim como qualquer membro do partido, tem o dever tático de viver sua vida pessoal de maneira consistente com a ideia nacional-socialista. É uma das melhores tarefas, vale todo esforço” (SGHULTZ, 1939, p. 16-18).

Nesse texto, o autor busca orientar à base do movimento introduzir uma forma de viver o nacional-socialismo, organizando, portanto, a vida social em modelos novos e indiscutíveis:

Aqui queremos considerar os efeitos familiares e a organização da casa sob vários aspectos [...] o festival do berço, a celebração do nascimento de uma criança realizada dentro de um pequeno círculo familiar, é algo que os pais devem assumir mais uma vez. Não queremos imitar um ritual da igreja, embora compreendamos que a igreja não hesitou no passado em imitar os costumes dos nossos ancestrais (SCHULTZ, 1939, p. 16-18).

Notemos que o discurso do propagandista não é de conservação da tradição católica acerca das festividades natalinas das crianças, mas uma declarada ruptura que almeja substituir os mais fúteis e corriqueiros aspectos do cotidiano e do social alemão, corroborando com a narrativa nazista que nunca evocou a massa para um mergulho no passado e sim para um salto qualitativo num futuro milenar onde a supremacia de uma raça ainda em construção, irá reinar triunfante.

Era um costume antigo acender uma fogueira para o recém-nascido. Nasceu da ideia de que a vida é como um incêndio. Os Norms, por exemplo, mantiveram um fogo aceso enquanto a vida durasse. No nosso caso, não queimávamos a vela em um “candelabro da vida”, que será o próprio da criança.

No lugar da criança na ilustração à direita, a antiga runa da vida permanece, com um arco nos dois lados que o rodeia, assim como os pais cercam e protegem uma criança. Outro presente é um armário de certificados, lembranças e arte de família. Uma placa na parede com o nome da criança gravada nela sempre será um lembrete feliz para os pais[...] outros presentes significativos são um berço bonito com uma árvore da vida e alguns animais esculpidos ou pintados nela, tecidos ou joias (SCHULTZ, 1939, p. 16-18).

Como podemos ver pela minúcia de detalhes, o projeto de reconstrução de valores era algo extremamente agressivo e ia fundo em pormenores da vida cotidiana do alemão. O nazismo não se tratava apenas de guerra, destruição, fanatismo político, mas foi a tentativa de

governar o homem em todos os seus aspectos, era a medida de todas as coisas, sem o qual, o “novo homem” jamais viria nascer.

Sem o devido entendimento desse movimento como ação revolucionaria, não poderemos conceber imaginativamente as consequências das ações políticas tomadas e do quanto elas puderam lobotomizar uma parcela gigantesca de um país culto e desenvolvido, a entrar e coparticipar da loucura histórica e endêmica de um regime assassino.

Não obstante as inúmeras amostras dos nacional-socialistas como um movimento revolucionário, há quem insista em adjetiva-lo como reacionário, com um partido que surge em reação ao avanço do comunismo no mundo:

O que torna inevitável uma análise comparada não é apenas suas datas de nascimento e seu caráter ao mesmo tempo simultâneo e meteórico à escala da história. É também sua dependência mútua. O fascismo nasceu como uma reação anticomunista (FURET, 1995, p. 37).

Essa interpretação esbarra em alguns quesitos óbvios: o comunismo na Alemanha, não era a força dominante quando os nacional-socialistas tentaram galgar o poder, mas a social-democracia. Comunistas e nazistas não eram, necessariamente, ação e reação, mas muito mais concorrentes ao poder, não se furtando, inclusive quando necessário, a tentar organizar do outro apoio:

Comunistas! Estamos com fome e com falta de comida e empregos [...] você confia na Rússia. Você tem lutado por sua ideia há anos. O que aconteceu? Você tem ¼ de um milhão de votos a menos do que setembro de 1930. Apesar da necessidade, apesar da miséria! Você realmente acredita que sua causa pode nos levar a tempos melhores, que a sua liderança vacilante e sem rumo que esteve errada tantas vezes no passado pode realmente vencer? Você acredita que vai ajudar? Não seria melhor nos ajudarmos? Para o proletariado alemão se ajudar: Nós nazistas nos ajudamos (COMUNISTAS...1932, P. 01).

Ademais, partimos da perspectiva já citada de que o nazismo é a continuação de uma concepção modernista e revolucionaria que ambicionava destruir o mundo burguês e conservador personificado nas figuras Grã-Bretanha e da França:

Para ela, a guerra devia ser uma guerra de libertação, uma Befreiungs-Krieg, da hipocrisia das formas e conveniências burguesas, e a Grã-Bretanha lhe pareciam a principal representante da ordem contra qual se rebelava. [...] Ao contrário de muitas interpretações do nazismo, que se inclinavam a interpretá-lo como um movimento reacionário [...] o nazismo foi um



mergulho de cabeça no futuro, rumo a um “admirável novo mundo” (EKNSTEINS, 1991, p. 13-384).

Preservar nas retrógradas interpretações, é no mínimo fechar os olhos para toda a bibliografia dos últimos anos, fruto de intenso trabalho de historiadores sérios, muitos dos quais, preocupados em recuperar o que se pode do que foi o nazismo, não nos impõem a visão predileta que sua ideologia concebe como melhor adequada aos seus interesses.

Dito isso, voltemos a mais amostras das mudanças no cenário do cotidiano alemão. Ainda sobre as casas alemãs e seu interior, o propagandista nazista instrui para que os seus cidadãos rejeitem coisas mais vistosas:

Rejeitemos qualquer coisa vistosa, fria, falsamente elegante ou extravagante. Os utensílios domésticos devem ser simples e genuínos, mas ainda assim têm personalidade. As luzes são muito importantes. Se forem frios e produzidos em massa, afetam toda a sala. Abajures empoeirados lembram estilos burgueses antiquados.

Aqui também a madeira é a mais nobre e quente, refletindo nossa natureza e desejos. Não é mais caro comprar teto de madeira, parece, mesa ou candeeiros de pé do que comprar itens produzidos em massa. O mesmo se aplica a muitos móveis, molduras, quadros, porcelanas, cerâmicas e metais (particularmente ferro forjado bem feito). Quando líderes políticos suficientes organizarem seus lares dessa maneira, outros membros do partido e camaradas do povo seguirão seu exemplo e nossa visão de mundo nessas áreas criará raízes mais profundas. Pequenas coisas são muitas vezes decisivas; já a própria simplicidade deles tem algo atraente [...] A indústria de utilidades domésticas está gradualmente começando a fazer grandes mudanças. Mais do que nunca, devemos fazer todos os esforços para expressar a dignidade do artesanato alemão [...] vamos permitir que os artesãos alemães dignos façam nossos utensílios domésticos. Assim, nos os encorajamos na importante tarefa de tornar visíveis as atitudes espirituais da pessoa germânica (SCHULTZ, 1939, p. 16-18).

Seguindo a lógica do polimorfismo, o autor traça um perfil para o interior das casas alemãs conflitando com o modelo burguês e busca ressaltar o estilo alemão que só pode ser construído pelo artesão alemão. Mais importante ainda, é ver como essas pequenas coisas tinham um significado muito importante para o projeto nacional-socialista de mundo, e como a liderança estava plenamente consciente disso e tinha por estratégia revolucionária sua utilização.

As sutis mudanças não se restringiram somente aos aspectos externos e internos das casas, mas foram além. As tradições milenares do povo alemão foram logo modificadas. A

suposta conservação de tradições logo se transformou numa modificação sistemática. Foi isso que aconteceu, por exemplo, com o natal.

O natal cristão tão conhecido por essas plagas transformou-se no Natal alemão, e este tinha por características:

A verdadeira aceleração da comunidade de Natal [...] É o solstício de inverno [...] A comunidade de todo o povo deve participar na celebração do solstício de inverno. No entanto, os eventos serão diferentes de um lugar para o outro. Em lugares menores, toda a comunidade da aldeia pode se reunir em torno de uma fogueira. Nas cidades maiores, isso também tem que ser feito por grupo local ou até mesmo por organizações partidárias individuais. Mãe e filho estão no centro do Natal, dando-lhe significado e santidade [...] Se os participantes são principalmente adultos, um deles pode talvez falar brevemente de ir e vir à natureza, do ir e vir da luz e das pessoas, da batalha e do trabalho, do lixamento da família e da comunidade das pessoas, da construção da força [...] Ele deve lembrar -se daqueles que se sacrificaram pelo povo e devem recordar as mães que preservam a vida das pessoas. Nestes momentos, todos ficaram orgulhosos dos grandes feitos do nosso povo e agradecerão à providência por nós dar um Führer quando não mais precisávamos dele, aquele que nos ensinou a ver a leis que governam nossas vidas [...] Quando celebramos um Natal alemão, incluímos no círculo da família todos aqueles que são de sangue alemão, e que afirmam sua etnia alemã, todos aqueles que viveram antes de nós e que virão depois de nós (BEILSTEIN, 1939, p. 327-328).

Como podemos observar o natal já não se tratava da tradição cristã, do nascimento de Jesus, mas da comunidade alemã, do culto à providência por dá-los de presente um Führer; de uma lembrança, não do nascimento, mas da morte de heróis que deram a vida pela Alemanha, e por esses alemães passados e vindouros é que se reuniam para celebrar. Uma total reconfiguração da tradição natalina, adequada aos princípios da cosmovisão nazista. Mudança tão significativa que já não era o natal, mas outra coisa. Essa construção do novo, entretanto, não se deteve apenas em aspecto simples do cotidiano, mas fez enormes mudanças na estrutura maior do poder político e social.

Para exemplificar uma dessas mudanças, podemos recorrer à transformação do sistema judiciário na Alemanha, deixando de servir a justiça comum, para transformar-se em instrumento de legalização de todas as ações nazistas. Como deixa claro o advogado e alto membro da cúpula nazista, Hans Frank (1934):

O Führer anunciou que o nacional-socialismo transformaria grandemente o sistema legal alemão no programa partidário de 1920. Nós formulamos os primeiros princípios naquela época, exigimos a substituição da lei que servia a uma cosmovisão materialista alheia a nós e a sua substituição à lei alemã. Agora que o Führer, com seu movimento e partido, tomou o poder

no Reich alemão e em suas províncias, é essencial implementar os princípios de justiça nacional-socialista. Hoje, assim como o nacional-socialismo assumiu a vida política, econômica e cultural da nação e os formou de acordo com seu programa irrevogável, também é necessário ter um avanço na lei para preenchê-lo com o pensamento nacional-socialista (FRANK, 1934, p. 187-192).

Ele ainda afirma que:

Hoje, o partido nacional-socialista dos trabalhadores alemães é responsável pela direção do sistema jurídico alemão, liderado pelo departamento Jurídico do Reich e pela Liga Nacional dos Profissionais Jurídicos Alemães Socialistas. Consistente com a unidade de partido e estado. Eles têm a tarefa de assegurar que toda a filosofia do nosso governo flua exclusivamente do nacional-socialismo. Como em qualquer outro lugar do governo, o partido e suas ideias devem guiar a justiça, já que é apenas um meio do Führer para a realização do nacional-socialismo (FRANK, 1934, p. 187-192).

Essa remodelação da lei configurou um passo extremamente importante para a visão coletivista do movimento, como ideia clara a sequência do texto:

O indivíduo tem valor sob a lei apenas na medida que é valioso para a comunidade. O indivíduo deve se curvar sob a lei às necessidades de todo o povo. Anteriormente a lei era destinada apenas a preservar a ordem externa. O nacional-socialismo reconheceu apenas aquela lei que protege a substância da existência do povo e do Estado. O povo não existe por causa da lei, mas a lei existe por causa do povo. Em nossa ordem legal, não queremos permitir princípios formais que permitam ambição egoísta. Não, o milênio nacional-socialista à nossa gente exige um sistema legal com bases sólidas que toda a humanidade Adriana possa ver com orgulho (FRANK, 1934, p. 187-192).

Ou seja, o indivíduo é suprimido. Tudo que existe é interesse coletivo da comunidade. Dessa forma, cabe ao sujeito apenas curvar-se diante da lei que assegura a predominância da filosofia da cosmovisão nacional-socialista. Uma vez que prostrado diante dela, fica a sua mercê apenas participar da necessidade do povo alemão. Ou melhor, necessidades do governo alemão que conduz a "justiça" alemã para a realização do Nacional-socialismo.

Como podemos ver o intuito dos nazistas nunca foi conservar a sociedade alemã tal como estava, mas transformá-la, criar uma nova era, um novo milênio de novidades, a criação de uma semideia mítica que tinha por razão a loucura de governar todos os aspectos da vida humana, desde a simples comunidade agrária, até

as grandes cidades germânicas. Esse mergulho no novo atingiu profundidades insondáveis e produziu uma violência sem tamanho em nome de um bem hipotético no futuro que se forma com sangue.

A transformação da sociedade perpassou vários outros campos: a educação, a ciência, o exército, a igreja e etc. Até aqui vimos os principais pontos em que se configura o nacional-socialismo: seus projetos para a difamação e desintegração da sociedade alemã e o processo de reconstrução desses valores destruídos, dessa vez sob a perspectiva nazista. Tais pontos forneceram um panorama de como se procedeu ao espetáculo do terror e ascensão da apoteose revolucionária. Porém, cabe-nos a pergunta: em que essa apoteose se fundamentava?

#### 4. CAPÍTULO III - OS PRINCIPAIS FUNDAMENTOS EM QUE CONSISTE A APOTEOSE NAZISTA.

Nos capítulos anteriores, traçamos um panorama dos principais caminhos estratégicos percorridos pelos Nacional-Socialistas alemães em sua busca pelo poder. Sendo assim, vimos que o Nacional-Socialismo se caracteriza como um movimento de massas -não um simples partido político- sem nenhum interesse político no indivíduo, a menos que este esteja inserido no quadro de interesses alemães. Qualquer individualidade era hostilizada como mero egoísmo burguês e, portanto, indesejável. Em face de tal cosmovisão, os nazistas constituíram-se num movimento coletivista que excluía as noções de individualismo e apenas objetivava o humano como membro da massa de adeptos diante de um interesse superior que representa a totalidade.

Para tornar mais claro, iremos expor os conceitos de coletivismo e individualismo, abstendo-nos do usual jogo de dualidades partidárias como "direita" e "esquerda", por julgarmos ineptas quanto à finalidade de obter esclarecimento. Primeiro o que podemos saber sobre o coletivismo é que:

Segundo as doutrinas do [...] coletivismo a sociedade é uma entidade que vive sua própria vida, independente e separada das vidas dos diversos indivíduos, agindo por sua própria conta e risco e visando a seus próprios fins, que são diferentes dos pretendidos pelos indivíduos.

Assim sendo, é evidente que pode surgir um antagonismo entre os objetivos da sociedade e os objetivos individuais.

Logo, para salvaguardar o florescimento e futuro desenvolvimento da sociedade, torna-se necessário controlar o egoísmo dos indivíduos e obrigá-los a sacrificar seus desígnios egoístas em benefício da sociedade [...] o indivíduo, ao agir de acordo com o código ético, não o faz em benefício direto dos seus interesses particulares, mas, ao contrário, renuncia aos seus próprios objetivos em benefício dos desígnios da comunidade (MISES, 2018, p. 01).

O coletivismo, sem dúvida, foi marca registrada do movimento Nacional-Socialista. Ademais, não bastasse a força do pensamento coletivista e da sua aceitabilidade no início do século XX, os nazistas e seu movimento ainda ganharam maior força e ensejo quando Hitler assumiu a liderança do movimento ataviando-o segundo seu beneplácito:

Sua visão de política era moldada pelas experiências na trincheira: um poderoso nacionalismo revolucionário que rejeitava inteiramente a velha ordem imperial em favor de uma comunidade nacional orgânica, baseada não na luta de classes e privilégios, mas no trabalho comum para a nação (OVERY, 2009, pág.54).

Ou seja, essa visão deformada de mundo deu forma ao pequeno partido nazi do ano de 1919, dando-lhe depois um propósito e uma cosmovisão baseada, não em doutrinas pré-estabelecidas e imutáveis, mas confiança na liderança ao poder da mobilização coletiva para os objetivos do movimento. Esse princípio proporcionou ao Hitler inclusive o poder para definir o socialismo em termos novos e até mesmo diferentes das propagandas já expostas, sem ter com isso nenhum prejuízo quanto ao fim objetivado. Nas palavras do ditador o socialismo significa “a responsabilidade do todo em face do indivíduo, enquanto o nacionalismo é a dedicação do indivíduo ao todo; no Nacional-Socialismo, os dois elementos se fundem”. (FEST, 2017, pág. 303-304).

Seguindo esse raciocínio, não havia nenhum elemento liberal ou individualista no nazismo, mas um coletivismo em torno do *Volk*. Termo que passou a caracterizar a ideia de comunidade do movimento racial e que se tornou a palavra-chave para evocar no povo alemão um sentimento de pertencimento nacional que não derivação de qualquer patriotismo, mas de uma ancestralidade e racial:

Embora seja normalmente traduzido pelo termo "povo", o conceito por trás do Volk não pode ser suficientemente transmitido por uma única palavra. Para os teóricos, *völkisch* significa a conexão quase mística que um grupo de pessoas que fala a mesma língua e compartilham uma herança cultural tem com o solo de sua terra natal. Como reação ao repentino crescimento das cidades e à poluição que emanava das fábricas recém-construídas, eles pregavam as glórias da vida rural alemã, e, particularmente, do poder da floresta [...] o conceito de *volk* iria depois ganhar imensa importância para Hitler e os nazistas (REES, 2018, pág.16).

O uso desse conceito foi amplamente usado pelos nazistas com o intuito de arregimentar a comunidade alemã em torno de um princípio imutável:

A propaganda nazista concentrou toda essa nova e promissora visão num só conceito, que chamou de *Volksgemeinschaft*. Essa nova comunidade totalitariamente concretizada no movimento nazista na atmosfera pré-totalitária, baseava-se na absoluta igualdade de todos os alemães, igualdade não de direitos, mas de natureza, e na suprema diferença que os distinguia de todos os outros povos [...] A *volksgermeinschaft* era apenas a preparação propagandística para uma sociedade racial “ariana” que, no fim, teria destruído todos os povos, inclusive os alemães (ARENDDT, 2012, p. 495).

É óbvio que nessa comunidade, nesse *Volk*, outras etnias, ainda que tenham nacionalidade germânica, não estavam inseridos. Era uma questão de sangue e raça, e mesmo depois da chegada dos nazistas ao poder, o projeto de construção racial continuou dessa vez

com todo o aparato do estado ao seu favor. “o estado não é um fim nem mesmo para nós, mas sim um meio para um fim. O verdadeiro fim é a raça, a soma de todas as forças criativas e vivas do povo” (GOEBBELS, 1932, p.09). Como podemos ver nas palavras, do então futuro ministro da propaganda nazista, desde muito cedo construir a raça foi de antemão o objetivo final do nacional-socialismo, construir uma comunidade organiza de seres racialmente superiores.

Dissertando um pouco sobre o coletivismo, apresentamos o conceito de individualismo:

O individualismo, que a partir de elementos fornecidos pelo cristianismo e pela filosofia da antiguidade clássica pôde desenvolver-se pela primeira vez em sua forma plena durante a renascença e desde então evoluiu e penetrou na chamada civilização ocidental, tem como características essenciais o respeito pelo indivíduo como ser humano, isto é, o reconhecimento da supremacia de suas preferências e opiniões na esfera individual, por mais limitada que essa possa ser, e a convicção de que é desagradável que os indivíduos desenvolvam dotes e inclinações pessoais (HAYEK, 2010, p. 40).

Basta uma simples análise da filosofia liberal do individualismo, para perceber que a proposta tal como se coloca está muito distante daquilo que os nazistas se propunham e praticavam na realidade. Esclarecendo mais ainda esse contraste:

A característica comum a todos os sistemas coletivistas pode ser definida, numa expressão tida em grande estima pelos socialistas de todas as escolas, como a organização intencional das atividades da sociedade em função de um objetivo social definido [...] os vários gêneros de coletivismo-comunismo, fascismo etc.- diferem de si quanto ao fim para qual pretendiam dirigir os esforços da sociedade. Todos eles, porém, se distinguem do liberalismo e do individualismo por pretenderem organizar a sociedade inteira e todos os seus recursos visando a essa finalidade única e por se negar em reconhecer as esferas autônomas em que os objetivos individuais são soberanos (HAYEK, 2019, p. 75).

Portanto, ao leitor minimamente alfabetizado, os conceitos empregados e exemplificados atestam para o caráter coletivista do nazismo, que conduziu todos os esforços alemães para um “bem-comum” predeterminado não pelos indivíduos, mas pelo indivíduo, o líder. Ele era o único que tinha poder de decisão e interpretação histórica por isso estava além de qualquer dúvida e tinha de ser obedecido cegamente.

É com essa perspectiva que se configura uma das principais características do coletivismo: o culto ao Líder. O líder que guia o povo ao bem comum e ao futuro milenar:

Por isso, o coletivismo é necessariamente um sistema de governo teocrático. A característica comum de todas as suas variantes é a postulação de uma entidade com características sobre-humanas a qual os indivíduos devem obediência. O que as diferencia uma das outras é apenas a denominação que dão a esta entidade e o conteúdo das leis que programa em seu nome. O poder ditatorial de uma minoria não encontra outra forma de legitimação a não ser apelando para um suposto mandato recebido de uma autoridade suprema e sobre-humana (MISES, 2018, p. 01-02).

Ou ainda, o líder que interpreta os caminhos da história, conduzindo a nação ao sucesso e a vitória permanente dos intentos superiores:

O cientificismo da propaganda totalitária é caracterizado por sua existência quase excluída na profecia “científica”, em contraposição com o apelo ao passado, já fora de moda. Nunca se percebe tão claramente a origem ideológica do socialismo e do racismo como quando os seus porta-vozes alegam ter descoberto as forças ocultas que lhe trarão boa sorte na “corrente da fatalidade” (ARENDR, 2012, p. 478-479).

Explicitado isto, vale denotar que junto do coletivismo, aparecem características próprias de um movimento revolucionário: o cientificismo e o determinismo, assim como, o culto a liderança. Somado a esses aspectos, respaldada ainda o caráter anticapitalista do movimento e o controle estatal da economia.

Tratando do aspecto revolucionário que se assemelha comunismo e nazismo, Richard Overy (2009) afirma que:

As ambições coletivistas das duas ditaduras definiram-se por estes vários impulsos. A ciência deu-lhes legitimidade racional, condizente com as afirmações fundamentais da comunidade científica sobre as possibilidades para o futuro da sociedade moderna. A história demonstrou a necessidade de uma transformação revolucionária das condições de existência diante de uma modernidade capitalista prejudicial e reforçou a legitimidade derivada da ciência. A revolta antiliberal anti-humanista livrou as ditaduras de escrúpulos morais convencionais e endossou sua distintiva perspectiva moral anti-individualista. Os sistemas resultantes foram exclusivos e açambarcadores e moralmente absolutos (OVERY, 2009, p. 648).

Apesar deste estudo não se tratar de uma análise de ditadura comparada, o diagnóstico de Richard Overy (2009) é muito preciso no que diz respeito à construção do quadro no qual se desenhou toda a degradação humana revestida de esperança revolucionária. E é a partir dessa análise que tentamos responder quais eram os principais fundamentos em que se constitui a doutrina revolucionária do nacional-socialismo. São elas: o cientificismo; o culto ao líder.



## 4.1 Cientificismo

O cientificismo foi para a Alemanha nazista a pedra fundamental onde puderam assentar as bases de sua doutrina. Apesar de o misticismo nazista ser bem mais conhecido, foram as correntes científicas da época que deram ao movimento o embasamento necessário para a sua loucura coletiva.

Tratando sobre a ciência no início do século XX, o historiador John Cornwell (2003), nos diz que:

A ciência era àquela altura a explicação universal emergente, além de oferecer meios crescentes de controle social [...] A Origem das Espécies (1859) de Charles Darwin, minava profundamente a base bíblica para a compreensão dos grupos humanos, declarando que os seres não haviam evoluído de Adão e Eva, uns meros quatro milênios atrás, mas por centenas de milhões, e sugerindo que as raças haviam evoluído por um processo de adaptação e habitats locais. Darwin oferecia a perspectiva de compreender biologicamente a raça humana, e daí foi um curto passo para alguns de seus seguidores indicarem a seleção natural e a sobrevivência do mais capaz como a base do comportamento humano e das características raciais. Nos Estados Unidos, alguns dos primeiros darwinianos apelaram para a teoria em apoio à superioridade racial na forma do espírito capitalista competitivo. Na Alemanha, porém, o darwinismo tomou uma direção um tanto diferente: apelos por uma intervenção social que controlasse a seleção, a fim de evitar a degeneração de grupos humanos (CORNWELL, 2003, p. 76).

Como nos mostra o autor, a ciência era a explicação universal àquela altura, isto é, no começo do século XX. Não obstante, ele mostra como as ideias de Darwin influenciaram os seus discípulos nos Estados Unidos e na Alemanha, mas não as próprias asseverações de Charles Darwin sobre o assunto que, muito antes dos seus discípulos alemães, advogava ao estado o dever de intervir no processo de “seleção natural” impedindo que indivíduos “fracos” pudessem proliferar:

Com exceção do homem, é raro que alguém seja tão ignorante a ponto de permitir que os próprios animais piores se reproduzam [...] Devemos, portanto, suportar o efeito, indubitavelmente mal, do fato que os fracos sobrevivem e propagam o próprio gênero, mas pelo menos se deveria deter a sua ação constante, impedindo que os membros mais débeis e inferiores de se casarem livremente com os sadios. Esse impedimento poderia ser indefinidamente incrementado pela possibilidade dos doentes do corpo e do cérebro evitarem o matrimônio, embora isto seja mais uma esperança do que uma certeza (DARWIN, 1974, p. 162).

Outro impacto social advindo da concepção científicista foi a concepção do estado-nação orgânico do zoólogo alemão Ernest Haeckel, que concebia a estrutura do estado como um organismo dentro do processo revolucionário:

O estado-nação, segundo ele, era comparável ao organismo biológico revolucionário, lutando rumo ao progresso e limitado por leis naturais. Só os tipos raciais mais capazes sobreviveram e prevaleceram; e a melhor raça devia estar em guarda contra a doença e a degeneração (CORNWELL, 2003, p.77).

O pensamento de Haeckel exerceu enorme influência na doutrina biológica dos nacional-socialistas, base de todo o seu racismo e subsequente genocídio:

As raízes científicas da ditadura alemã se encontravam nas ciências biológicas. O desenvolvimento de uma biologia racial popular em fins do século XIX, associado ao trabalho de Ernest Haeckel e seus vários discípulos, construiu uma visão de mundo baseada na preservação da raça ou da nação como uma “espécie” para a exclusiva, e na aplicação de regras rígidas para governar sua saúde e força ao longo prazo ( OVERY, 2009, p. 645).

Essa fundamentação científica era o escopo para a política ideológica nazista, isso nítido nas palavras do médico nazista Dr. Grob, num discurso sobre raça realizado em 1934:

O velho mundo não estava afligido por uma nova visão de mundo, mas pelo fato de que uma nova visão de mundo surgiu dessa ciência que destruiu as bases do pensamento proletário e burguês, que levou a uma genuína revolução da alma e do espírito.

Antes de falarmos sobre o significado da visão de mundo, devemos rever rapidamente alguns fatos sobre pesquisa racial, científica e ciência social [...] A palavra “raça” ainda tem dois significados primários hoje. Em certo sentido, significa todas as características físicas e intelectuais herdadas e habilidades que uma pessoa tem em contraste com as habilidades que ela ganha durante sua vida. Nesse sentido, “raça” significa algo como herança ou genética. No entanto, a palavra em seu sentido mais profundo e mais importante se aplica a grupos inteiros de pessoas que são separadas de outros grupos de pessoas por sua herança genética (GROB, 1934, p. 01-02).

Sendo assim, contra todas as outras comunidades étnicas que não sejam eles. A maneira como escolhem essa “preservação” é uma amostra da louca do determinismo científico eivado de qualquer amparo moral:

De acordo com Lenz, cujos números não são de forma alguma exagerados - números mais altos são dados às vezes- entre os 66 milhões de pessoas na Alemanha estão:

Mente fraca	cerca de 1,5%	1.000.00
Idiotas	cerca de 0,25%	160.000
Doente mental	cerca de 1,5%	1.000.000
Epiléticas	cerca de 0,15%	100.000
Psicopatas	cerca de 7%	4.500.000
Cegos	cerca de 0,015%	10.000
Insuficiência visual grave	cerca de 0,075%	50.000
Surdo	cerca de 0,0025%	16.000
Difícil de ouvir	cerca de 0,075%	50.000
Fisicamente fraco ou fraco	cerca de 10%	6.600.000

De acordo com o REICH Physicians Leader No Reich Party Rally em Nuremberg, em 1934, o custo financeiro para os casos mais graves de doenças genéticas é de 1.200.000.000 de marcos anuais [...] O que tudo isso significa? O que significa quando, por exemplo, uma cidade alemã paga 7,50 Marcos diários para a família de um bêbado, mas apenas 3,50 para um engenheiro desempregado com uma esposa e nove filhos, então o homem deve primeiro se tornar um bebedor para melhorar suas circunstâncias? Quando deve ser gasto tanto para uma criança idiota como seria necessário para 4-5 crianças alemãs saudáveis? De acordo com o dogma da Igreja Católica Romana, essas pessoas são mais importantes do que todo o conhecimento científico, então eles choram assassinato sobre o estado nacional-socialista cujas sólidas políticas genéticas e cuidadosas e justificada eliminação de defeitos incuráveis estão trabalhando para tornar o povo alemão mais uma vez novamente em um povo saudável, forte e jovem (AFASTA-SE...1935, p. 01-07)

Através das palavras do propagandista anônimo, podemos entender o que para eles, os nazistas, significavam preservar a “herança racial”. Esse tipo de loucura fundamentada no cientificismo colaborou para uma ampla política de eugenia, que mais tarde culminaria no holocausto.

Esse cientificismo longe de ser uma anomalia, era a base determinista e a chave para interpretar a vida. Se havia um padrão na história, quem o conhecesse podia interferir e guiar o seu rumo em favor da comunidade, por isso “a ciência ajuda a explicar a natureza absoluta das comunidades coletivistas, e as grotescas extensões a que cada um chegou para extirpar elementos vistos como proscritos sociais ou raciais”. (OVERY, 2009, p. 646)

Depois dessa exposição, podemos perceber o papel que o pensamento científico exerceu sobre a cosmovisão nazista, e -apesar não ter sido fator dominante- estava na base do pensamento eugenista e racista de sorte que muito dificilmente as coisas teriam sido pensadas e formuladas na política nacional-socialista, sem a sua contribuição. Finalizado este aspecto, podemos seguir na análise dos principais fundamentos do partido, examinando quem liderava a missão histórica de liderar o povo alemão para a vitória e governo milenar.

## 4.2 Culto à personalidade.

O coletivismo e a política de massas são, sem dúvida, marcas características do movimento Nacional-Socialista, porém não a única e nem a mais determinante para o desfecho que o espetáculo do terror nazista veio exercer nos corações humanos pela virulência dos campos de extermínio. Havia ainda no seu desenrolar, outros aspectos que somavam e constituíam a face meio deformada do monstro mitológico que, à semelhança da Medusa, achavam na feiura dos seus atos motivo mesmo de se embelezarem diante do horror. Um dos princípios aos quais não podemos deixar de citar, e que finda a análise sobre os pontos escolhidos que constituem a apoteose revolucionária é: O culto à personalidade.

Esse aspecto que constituía a religião-política nazista não era uma novidade na sua época, mas assunto de debate entre várias áreas científicas e intelectuais:

A ideia da personalidade excepcional, voluntariosa, tornou-se fundamental para muitos discípulos além da ciência política. Os eugenistas aplicaram-na a ideias de criação de raças; os teóricos sociais- Vilfredo Pareto, na Itália, Joseph Schumpeter na Áustria- usaram-na para explicar como surgiram as modernas elites políticas e industriais; os psicólogos extrapolaram de Nietzsche a ideia de que a verdadeira grande personalidade só pode ser alimentada entre uns poucos indivíduos excepcionais (OVERY, 2009, pág.123).

Contudo, no nacional-socialismo, haviam adquirido, certamente, contornos inteiramente novos advindos do fracasso na guerra e do florescimento de uma esperança aturdida num salvador nacional:

A aceitação popular da ideia de personalidade na Alemanha combinou-se com uma profunda rejeição das ideias ocidentais de individualismo, encaradas como superficiais e materialistas. A Primeira Guerra Mundial encorajou a fragmentação da visão de mundo liberal-burguesa, com sua ênfase na igualdade cívica e no cidadão sólido e ativamente responsável. Da experiência da guerra e derrota veio o anseio de redenção nacional em torno de uma personalidade heroica (OVERY, 2009, pág. 133).

O próprio Hitler encarava o culto à personalidade como algo historicamente essencial e via nessa concepção a chave-mestra da história, sem o qual, “as massas nada poderiam fazer: acusam-nos de exercer o culto da personalidade [...] mas isto não é verdade. Em todas as grandes épocas da história, surge apenas uma pessoa para cada movimento; e são as pessoas, não o movimento, que a história menciona” (Hitler, apud FEST, 2017, p.265-265).

Ademais, Hitler compreendia seu lugar como a voz da providência que o havia incumbido da missão histórica de reverter o fracasso alemão da Primeira Grande Guerra. Pautado nessa auto-ilusão, reverberou a plenos pulmões sua tarefa de elevar a nação que o acolheu e, que agora, personificava:

O destino manifesto autoproclamado de Hitler era transformar a derrota alemã de 1918 em vitória sobre as forças que ele julgava haverem subvertido seu esforço de guerra, e que continuaram a estrangular a restauração alemã na década de 1920 (OVERY, 2009, pág.468).

Essa ideia de personificação era essencial para a política nazista, porque transmitia às massas a impressão de estarem agindo em conjunto e serem plenamente representadas por todas as ações do Führer alemão. Talvez a identificação fosse tanta, que imaginassem que fariam exatamente as mesmas coisas em seu lugar, afinal era ele um com a nação e a nação um com ele. Podemos ver isso muito mais nitidamente no juramento feito pelo povo alemão para Hitler na cerimônia em honra dos mortos do fracassado putsch em 1934. Comandado por Rudolf Hess, a cerimônia religiosa termina com o seguinte grito que iria ecoar na história a vergonha de um povo: “Adolf Hitler é a Alemanha e a Alemanha é Adolf Hitler. Quem faz um juramento a Hitler faz um juramento à Alemanha! [...] Saudamos o Führer!” (HESS, 1934, p. 10-14).

A única forma de explicar esse estágio de adoração a uma personalidade é a análise que Eric Voegelin (2008) faz ao declarar que esse fenômeno chamado Hitler, apenas reflete a degradação moral de um povo que aceita como plena representação um sujeito que em condições normais seria uma aberração e completamente execrável.

Não obstante, os alemães não só o adoravam, mas viam nele a fonte de toda inspiração e esperança. E se assim não era na totalidade, era, sem dúvida, na propaganda como podemos observar:

A relação do povo alemão com o Führer é sempre uma fonte de orgulho para os alemães e de grande surpresa para os estrangeiros. Em nenhum outro lugar do mundo encontramos um amor tão fanático por parte de milhões de pessoas por uma pessoa, um amor que não é exagerado ou apressado, mas cresce a partir de uma fé profunda e grande, o tipo de confiança duradoura que as crianças podem ter por um pai muito bom (DIETRICH, 1936, p. 19-26).

Vale ressaltar que Hitler, assim como qualquer ditador, não poderia ir tão longe sem o apoio real das massas. Havia, não resta dúvida, uma cumplicidade mútua que se

complementava diante de todo o desenrolar dos fatos na Alemanha. Depois de todos os passos estratégicos dados pelos nazis, o povo alemão já estava plenamente convencido da imagem que lhes havia chegado e que sobrepunha a realidade. Acreditavam e eram participantes diretos e indiretos das ações ditatoriais:

Há um ato de cumplicidade entre o governante que projeta a imagem de herói mítico e os seguidores que a santificam e consubstanciam. O elo emocional criado pelo ato amarra os dois grupos. Os ditadores não podem livremente deixar o espetáculo que ajudaram a produzir (OVERY, 2009, pág.137).

Esse tipo de elo que unia o povo e o líder era tão profundo, que mesmo em expressões artísticas podemos observá-las com indubitável poder atrativo que ornamentava com enfeites sublimes o inescrupuloso. Irá ficar mais claro para o leitor com a leitura do seguinte poema *Em louvor ao Führer*, feito pela juventude hitlerista da Áustria e publicado em *Das Lied der Getreuen (1933-1937)*. Os autores são anônimos, porém poderiam muito bem ser nominados de espíritos de uma época, pois representava em cada métrica construída o devaneio reinante:

Muitas vezes ouvimos o som da sua voz  
E ouviu silenciosamente, com as mãos postas,  
Com cada palavra afundou em nossas almas.  
Todos sabem: chegará o dia  
Isso nos liberta da necessidade e compulsão  
O que é um ano!  
O que é uma lei que nos restringiria-  
A pura fé que nos deu  
Pulsa, guia nossas vidas jovens.  
Meu Führer, você é o único caminho, o objetivo! (CANTICO...1937, p. 01)

Como fica claro, Hitler era a esperança inaudita do povo, era o exemplo e a forma mesma em que todos os parâmetros deveriam convergir. Ser a imagem e semelhança do Führer era o objetivo, como nos fica muito claro nesse trecho de um manual para a juventude hitlerista de 1938:

Adolf Hitler é para nós a imagem do que é ser alemão. Assim como ele define uma meta e trabalha incansavelmente por ela, assim como ele arrisca sua própria vida por ela, também queremos viver e lutar com ele pelo nosso objetivo mais alto: o santo Reich alemão de caráter germânico (VIDA...1938,p. 04).

Há, nessas aspirações, muita coisa de fantasioso. O Führer que é "a imagem do que é ser alemão" (1938) também era exatamente o contrário disso, uma vez que:

A representação de Hitler como a personificação da raça alemã enfrentava o problema, evidente por si mesmo, de que ele não tinha o perfil firme, a alta estatura e os cabelos louros do estereótipo racial que buscava preservar (OVERY, 2009, pág.134).

Quanto a uma "meta" em que o Führer trabalha incansavelmente para chegar, percebemos uma tremenda contradição. Para Hitler, deixar obscuro qualquer finalidade última era extremamente essencial para um movimento revolucionário, porque era a garantia de que ninguém iria contestar um resultado não alcançado já que ninguém sabia exatamente onde se queria chegar a qualquer empreitada. Como diz precisamente FEST (2017):

Hitler havia constatado que a discórdia interior dos partidos era sempre a consequência de declarações precisas de intenção, e que a força de impulso de um movimento crescia com a obscuridade de seus objetivos. Às massas e finalmente o poder devia caber àquele que conseguisse aliar a mais radical negação do presente à promessa de futuro mais indefinida (FEST, 2017, pág.352).

Isso se devia, segundo FEST (2017), por que:

O nacional-socialismo era um movimento místico e pouco ideológico, que não estava baseado num programa, mas num Führer. E só graças a esse Führer é que esse magma de ideias confusas tomava um relevo e saía de seu estado quimérico e vago. Os homens obedeciam à entonação, à voz sugestiva, e Hitler sabia perfeitamente explorar as aspirações insatisfeitas e os sonhos de hegemonia (FEST, 2017, pág.352).

Ainda podemos notar que o Führer como Líder supremo e voz absoluta, figurava também como o sujeito que, saindo do nada, ascendia ao posto mais alto para representar de corpo e alma os anseios revolucionários da nação. Há também um padrão que converge sempre para o mesmo espetáculo: a figura central do líder numa posição acima das massas, e os fiéis sobre a proteção do seu Führer que obedecem e se entregam ao poder sedutor que os governa e que os representa em sua totalidade seguindo-o sem olhar para trás, uma vez que, não podendo identificar-se por si mesmos, buscam se identificar, finalmente, com o Führer, porque o Führer é à Alemanha e o verdadeiro alemão.

Nada disso era, evidentemente, alheio a percepção do próprio Hitler, ao contrário, tanto estava ciente dessa alcunha que havia lançado a si mesmo, como entendia plenamente que se mantivesse nesse caminho seria mesmo a representação total da vontade das massas, pois para ele era essa a única liderança legítima para se conduzir um movimento que aspirava ao domínio mundial numa era moderna. "Hitler via a ideia do Führer como uma forma única

de liderança apropriada a uma era moderna, em que o povo como um todo devia ter voz na escolha de quem o conduzia” (OVERY, 2009, pág.119).

Por fim, podemos perceber nitidamente que o movimento Nacional-Socialista era um segmento que apesar do coletivismo de massas, estava totalmente submisso ao princípio do líder, e que não havia doutrina ou proposta que fosse determinante, mas, tão somente, a vontade mestra que personificava tudo e a todos, portanto não havia brecha para reclamações que não fossem oriundas de desobediência, não a um homem, mas à Alemanha viva, o homem alemão perfeito que conduzia o povo alemão ao triunfo e a perfeição.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho analisamos o Nacional-socialismo como um movimento revolucionário que seguiu um fluxo de ideias próprias de seu tempo e que aspiravam ao poder total. Essa busca pelo totalitarismo político se deu por uma sequência de ações estratégicas que visavam à destruição da sociedade tradicional e a reconstrução de uma civilização pautada na cosmovisão nazista. Também abordamos como o movimento se fundamentava em dois aspectos essencialmente importantes para a consolidação política: o cientificismo e o culto à personalidade.

Com base nesta narrativa, concluímos que as versões que limitam a discussão sobre o nazismo em "direita" ou "esquerda", não são apenas reducionistas, mas configuram um total desserviço ao estudo da história. Percebemos então que não podemos entender o nacional-socialismo se não o vemos como um movimento revolucionário que nada tinha de conservador, nem ainda intenção alguma de conservar qualquer coisa na Alemanha. Mesmo os elementos do passado que eram evocados na consciência do público, eram tão radicalmente modificados que já configurava uma coisa inteiramente nova. Percebemos ainda que em momento algum os nazistas se espelharam em qualquer inspiração burguesa ou liberal na política, mas emularam sem nenhum pudor outros movimentos revolucionários como o Fascista e o Comunista. Desta forma, tudo que asseveramos é que o movimento era de um tipo novo que se fundamentava numa política coletivista, totalitária, e fundamentado numa ciência eugenista que fundamentou todo o matiz do terror que ecoará nos séculos dos séculos.

Quanto ao cumprimento dos pontos que elegemos no início deste ensaio, reputamos ter cumprido com cada um, se não profundamente ao menos o suficiente para darmos um panorama a quem se aventure na árdua tarefa de lê-lo.

Por fim, ressaltamos a importância desse trabalho para a discussão histórica sobre o assunto. Não reputamos ter trago uma novidade. Mas trouxemos uma narrativa um tanto desconhecida do público geral sobre vários aspectos do movimento Nacional-Socialista e, o que é muito importante, uma bibliografia completamente ausente no atual cenário de discussão. Além do mais, este trabalho pode ser o início de outras questões para mentes ávidas por soluções ou pelo menos, por soluções temporárias.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CORNWELL, Jonh. **Os cientistas de Hitler: ciência, guerra e o pacto com o demônio**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- DARWIN, Charles. **A origem do homem e a seleção sexual**. Tradução de Attilio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo, Hemus, 1974.
- EKSTEINS, Modris. **A sagração da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna**. Tradução de Rosaura Eichenberg.-Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- FEST, Joachim. **Hitler**. Vol. 1 e 2, 3. ed- Rio de janeiro: Nova fronteira, 2017.
- FREYER,Hans. **Teoria da época atual**. Rio de Janeiro: Zahar Editôres, 1965.
- FURET, FRANÇOIS. **O passado de uma ilusão: ensaios sobre a ideia comunista do século XX: tradução Roberto Leal Ferreira- São Paulo: Siciliano, 1995.**
- GELLATELY, Robert. **Apoiando Hitler**. Tradução Vitor Paolozzi. –Rio de Janeiro: Record, 2011.
- HAYEK, F.A. **O caminho da servidão**. São Paulo: Instituto Ludwig Mises Brasil, 2010.
- HENRIQUES, Castro Mendo. **Revolução**. Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/revolucao-2/>
- KRAUS, Karl. **Os últimos dias da humanidade**. 1. ed.- São José do Rio Preto, SP: Balão Editorial, 2017.
- LEFORT, Claude. **Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade: tradução Eliane M. Souza.-Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.**
- MANNHEIM, Karl. **Diagnóstico de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar Editôres, 1967.
- MIRANDA F.G. M. Marcella; **História política: Metodologia de pesquisa e novas abordagens**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História -ANPUH-São Paulo, julho de 2011.
- MISES, Ludwig Von. **O coletivismo depende dos líderes messiânicos**. Disponível em: <https://www.mises.org.br/article/2349/o-coletivismo-depende-de-lideres-messianicos>. Acesso 05 de out. de 2019.

\_\_\_\_\_. **O que os nazistas copiaram de Marx.** Disponível em: <https://www.mises.org.br/article/1518/o-que-os-nazistas-copiaram-de-marx>. Acesso 05 de out. de 2019.

MUSSOLINI, Benito. **A doutrina do facismo.** Leon Trótski; tradução Regina Lyra. – 1. ed. –Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019

OVERY, R. J. **Os ditadores:** A Rússia de Stalin e a Alemanha de Hitler. Tradução de Marcos Santarrita- Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

RAUSCHNING, Hermann. **The revolutim of nihilism:** warning to the West- New York: Alliance Book Corporation, 1939.

REES, Laurence. **O Holocausto:** uma nova história. Tradução Luis Reyes Gil. – 1. ed. – São Paulo: Vestígio, 2018.

TISMANEANU, Vladimir. **O diabo na história:** comunismo, fascismo e algumas lições do século XX. 1. Ed- São Paulo: Vide editorial, 2017.

VOEGELIN, Eric. **Reflexões autobiográficas.** Introdução e edição de texto Ellis Sanduz. Tradução Maria Ines de Carvalho; notas Martim Vasques da Cunha. - São Paulo: É Realizações, 2007.

## FONTES OFICIAIS

### German Propaganda Archive:

<https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/index.htm>

BEILSTEIN, Wilhelm. **Como nós celebramos o natal.** Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/christmas1939.htm>. Acesso 05 de out. de 2019.

CALVIN UNIVERSITY. **Comunistas.** Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/liste8.htm>. Acesso 05 de out. de 2019.

\_\_\_\_\_. **A vida do Führer.** Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/pimpfhitler.htm>. Acesso 05 de out. de 2019.

\_\_\_\_\_. **Afasta-se das atividades subversivas do catolicismo político.** Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/rim5.htm>. Acesso 05 de out. de 2019.

\_\_\_\_\_. **O cântico dos fieis.** Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/hitpoet.htm>. Acesso 05 de out. de 2019.

\_\_\_\_\_. **A vitória da fé.** Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/schul01.htm>. Acesso 05 de out. de 2019.

DIETRICH, Otto. **O Fuhrer e o povo alemão.** Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/ahvolkp.htm>. Acesso 05 de out. de 2019.

FRANK, Hans. **O impacto do pensamento socialista nacional no sistema jurídico alemão.** Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/frank1.htm>. Acesso 05 de out. de 2019.

GOEBBELS, Joseph. **Those Damned Nazis.** Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/haken32.htm>. Acesso 05 de out. de 2019.

GROB, Walter. **Raça.** Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/gross2.htm>. Acesso 05 de out. de 2019.

HESS, Rudolf. **O juramento a Adolf Hitler.** Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/hess1.htm>. Acesso em 05 de out. de 2019.

HITLER, Adolf. **Sobre o socialismo nacional e relações mundias.** Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/hitler1.htm>. Acesso em 05 de out. de 2019.

NOTH, Hebert. **O rosto da casa alemã.** Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/germanhouse.htm> . Acesso 05 de out. de 2019.

SCHULTZ, Wolfgang. **Reconhece-se um nacional-socialista por sua casa!** Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/interiordecoration.htm>. Acesso em 05 de out. de 2019.

WILUCKI, Helmunt Von. **Métodos testados da propaganda nazista.** Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/wilweg02.htm>. Acesso em 05 de out. de 2019.